

JÚLIA ROSA CASTRO DE BRITTO

**Representações dos Trabalhadores da Feira
Livre de Camaçari - Bahia: 1970-2007.**

**Mestrado Multidisciplinar em Cultura, Memória e
Desenvolvimento Regional.**

UNEB - BA
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V

**Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia:
1970-2007.**

Júlia Rosa Castro de Britto

Santo Antonio de Jesus.
Junho de 2007.

JÚLIA ROSA CASTRO DE BRITTO

**Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia:
1970-2007.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Pós-graduação em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE pela Universidade Estadual da Bahia, sob a orientação do Professor Doutor Daniel Francisco dos Santos.

Santo Antonio de Jesus.
junho de 2007.

Comissão Examinadora

Charles D Almeida Santana _____

Daniel Francisco dos Santos _____

Welligton Castellucci Junior _____

*O feirante é muito mais que um feirante vai além de frutas e legumes.
Muitos deles representam um elo cultural importante,
que liga no tempo o mundo rural ao urbano.*

Esta pesquisa é dedicada às pessoas que mais amo: meus pais (Luiz Cláudio de Oliveira Passos Britto e Sonia Maria Barbosa de Castro) meus irmãos (Amon e Aline Castro de Britto).Minha avó Celcita de Oliveira Passos (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

A finalização desta pesquisa a colaboração, compreensão e apoio de muitas pessoas, de uma forma direta assim como indiretamente. Agradeço a todos que no percorrer desses anos me auxiliaram para que pudesse concluí-la.

Aos feirantes, Dona Júlia dos Temperos (in memoriam), Senhor Américo dos temperos, Senhora Maria Araújo Cruz, Senhora Maria Alice Araújo Freire dos cereais, Senhor Antonio Carlos Pereira Filho, Maria Alice Romualdo, Martina Paulina de Jesus Alves, o meu imenso carinho.

Ao Professor Daniel Francisco dos Santos por acreditar na importância desta pesquisa, pelos conselhos e orientações que muito contribuíram na conclusão desse trabalho. Devo esclarecer que qualquer falha encontrada nesta pesquisa é de minha inteira responsabilidade.

Ao Professor Charles D´Almeida, pela paciência e compreensão nos momentos mais difíceis, pelos conselhos desde a graduação até os dias atuais sem a qual não poderia ter concluído este trabalho.

Ao amigo Grandival Pereira de Oliveira Junior por dedicar seu tempo em ler e fazer as devidas correções me ajudando nesse estudo quando mais precisei.

A grande amiga Daniela Souza Torres, mas uma vez presente na minha vida acadêmica e principalmente nesta pesquisa desde a construção do projeto de pesquisa,

atenta aos prazos e acreditando tanto na entrega do mesmo e na ampliação de novos caminhos.

A amiga Leila Souza Vieira da Fonseca, e sua mãe tia Zezé pelo apoio e sugestões de possíveis depoentes além das colaborações e críticas durante a pesquisa.

Aos meus professores do curso, e aos amigos (Deije, Sinéia, Silvania e Wiltércia), colegas e a secretária Andréia, do Mestrado em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional.

Aos meus professores da Graduação em História na Universidade Católica do Salvador. Em especial a Márcia Barreiros, Carlos Augusto, Venétia Rios e Neivalda por acompanharem de perto a minha trajetória acadêmica e por aguardarem a finalização desta pesquisa.

A diretora do arquivo “Casa do Sertão” e também colega de curso Cristiana Barbosa de Oliveira Ramos. Pelas referências e bibliografias sugeridas.

Agradeço ao colega Gustavo Pereira por disponibilizar seu tempo fotografando o município de Camaçari especificamente para minha pesquisa.

A Margareth, Bibliotecária da Câmara Municipal de Camaçari. Ao Senhor Moacir da Silva Rodrigues por disponibilizar seu acervo fotográfico para esta pesquisa.

Aos fiéis amigos Alex Brandão e a Silene Arcanja Franco pelas palavras de apoio em especial nos momentos mais críticos, por não permitirem que “Eu” fraquejasse, deixando marcas registradas nesse trabalho e na minha vida.

A Maria de Fátima Sales Silva, Nelson José Silva “Gordo” carinhosamente, e Maria Sales Silva por sua ternura e por torna-se minha família acolhendo-me durante os anos difíceis que passei na cidade de Santo Antonio de Jesus /Ba.

As professoras e coordenação do Colégio Anízio Teixeira (noturno) em dedicar seu tempo, tentando articular contatos com possíveis depoentes, possibilitando entrevistas com moradores antigos do município. Assim como meus antigos alunos do Colégio Cidade Camaçari (2001) período que iniciei esta pesquisa.

Agradeço também a FAPESB em especial por ter me concedido um bolsa de estudo, na fase mais importante desta pesquisa.

A todos vocês os meus sinceros agradecimentos.

ÍNDICE

Lista de figuras

Lista de fotos

Resumo.....14

Abstract.....15

Considerações Iniciais.....18

Plantas da cidade.

Área de concentração do Centro Comercial e da feira livre de Camaçari.....44

CAPÍTULO I

A Cidade e a Feira:47

CAPÍTULO II

A cidade construída pelos feirantes e constitutiva de suas experiências.....76

CAPÍTULO III

Mudanças e Trajetórias.....92

Considerações Finais.....116

Fontes119

Bibliografia.....125

ANEXOS

Lista de figuras

1. Planta de Varrição. p. 45.
2. Planta da Sede de Camaçari com detalhes do Município. p. 45.

CAPÍTULO I

3. Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria. p. 47.
4. Mapa das praias de Camaçari. p. 50.
5. Pólo Petroquímico de Camaçari. p. 65.

CAPÍTULO III

6. Crachá cedido pela administração da Feira. p. 99.
7. Crachá cedido pela administração da Feira.p. 99.
8. Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria p.109.
9. Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria p.109.
10. Mercado Público Municipal (Fotografia do Acervo fotográfico da Câmara Municipal de Camaçari Fotógrafo desconhecido). p.110.

Lista de fotos:

CAPÍTULO I

- 01- Estação Ferroviária. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 13.06.2007). p.53.

CAPÍTULO II

- 02- Rua Parque Central. Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 15.08.2006. p. 76.

- 03- Rua Parque Central. Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 15.08.2006. p. 83.

CAPÍTULO III

- 04- Construção da Feira Provisória (Fotografia do Acervo fotográfico da secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998). p. 97.

- 05- Construção da Feira Provisória (Fotografia do Acervo fotográfico da secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998). p. 97.

- 06- Construção da Nova Feira (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998). p. 102.

- 07- Mudanças na barraca da Nova Feira de Camaçari (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 13.06.2007). p.104.

- 08- Mudanças na barraca da Nova Feira de Camaçari (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 14.05.2007). p.105.

- 09- Feira Antiga (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998). p. 108.

- 10- Feira Antiga (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998). p. 108.
- 11- Reforma nas bancadas da Nova Feira de Camaçari (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 13.06.2007). p. 112.
- 12- Reforma nas bancadas da Nova Feira de Camaçari (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 14.05.2007). p. 113.
- 13- Anexo da Feira (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo Júlia Rosa Castro de Britto. 15/08/2006). p. 114.

RESUMO

Neste estudo sobre o cotidiano dos trabalhadores da feira livre de Camaçari (1970-2007), procuramos aprender com suas experiências de vida e de luta, enquanto trabalhadores, constituem-se uma luta acerca de valores. Como na cultura local do Município de Camaçari, os feirantes atuam definindo e diferenciando espaços, conformando modos de existências e inclusive formas de sociabilidade e de participação, enquanto sujeitos sociais presentes nas estatísticas urbana da cidade de Camaçari.

A pesquisa propôs-se também a apreender, no universo multifacetado dessas práticas de trabalho, as formas de apropriação do espaço público bem como as formas de fazer no urbano, o comércio local da feira. Ainda no entrave acerca dos diferentes usos dados para a cidade, conforme a visão dos seus diferentes segmentos, como os feirantes deram forma e conteúdo ao direito de trabalhar no Centro Comercial. E, daí como lutaram e resistiram às imposições de controle e disciplina aos seus modos de trabalho, particularmente, frente ao poder municipal.

E nesse sentido, a representação da liberdade do trabalho, que esses sujeitos sociais têm de suas atividades, revelou-se a característica marcante e mantenedora dessa tradição de ocupação e venda nas ruas da feira livre de Camaçari.

ABSTRACT

In this study about the daily of the free market workers of Camaçari (1970-2007), we try to learn with its experience of life and fight, while workers, consist a fight concerning values. As in the local culture of Camaçari City, the free market workers act defining and differentiating areas, conforming ways of existences and included sociability and participation forms, while social citizens being present in the urban statistics of the city of Camaçari.

The research was also considered to learn, in the multifaceted universe of these practical of work, the forms of appropriation of the public area as well as the forms to make in the urban, the local commerce of the market. still in the obstacle about the different uses given for the city, according the different visions of its segments, as the free markt workers had given to form e content to the right to work in the commercial center. And, from there as they had fought and resisted the control impositions and disciplines to their ways of work, particularly, face of the municipal power.

At this way, the representation of free work, that these social citizens have of its activities, showed the dominate characteristic of this tradition of occupation and sell on the streets of the free market of Camaçari.

ABREVIATURAS

AP - Arquivo Particular.

CEDIC - Fundação Clemente Mariani.

CEDOC - Centro de Documentação da Católica.

CEI - Centro de Estatística e Informações.

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica.

CICAM - Centro de Informação e Documentação da Câmara Municipal.

CIS - Centro Industrial de Subaé.

COPEC - Complexo Petroquímico de Camaçari.

COPENE - Companhia Petroquímica do Nordeste

GTDN - Grupo de Trabalho para Desenvolvimento do Nordeste.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IRDEB - Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia.

LEV - Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugenio Veiga.

OIT - Organização Internacional do Trabalho.

PDLU - Plano Diretor de Limpeza Urbana.

PME - Programa Mundial de Empregos.

PPC - Pólo Petroquímico de Camaçari.

RLAM - Refinaria Landulfo Alves.

RMS - Região Metropolitana de Salvador.

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SEPLANTEC - Secretaria de Planejamento C. Informação Tecnologia do Estado da Bahia.

Considerações Iniciais

O meu interesse pelo tema dessa pesquisa surgiu como preocupação quando ministrava aulas de Sociologia, no Colégio Cidade de Camaçari, em 2001, localizado na cidade que lhe empresta o nome, situada na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Naquela oportunidade, questões referentes à feira da cidade apareciam nos debates em sala de aula e o que perpassava as discussões e chamava atenção mais intensamente eram os problemas ampliados no cotidiano dos feirantes, não contemplados na transferência da feira para um novo espaço, o que trazia graves entraves à continuidade de suas atividades profissionais.

Durante o mesmo período em que atuava no Colégio realizava meus estudos de Graduação em História, na Universidade Católica de Salvador (UCSal). Assim, os diálogos em sala de aula assumiram a forma de uma proposta de pesquisa, despertando minha sensibilidade para a temática, que se desdobrou na monografia de conclusão do curso de Bacharelado em História. No período da graduação, trilhei uma intensa jornada na perspectiva de ampliar meus conhecimentos no decorrer de cada disciplina, foi intensificando o amadurecimento tanto para o projeto de pesquisa quanto a finalização da monografia em janeiro de 2004, resultando uma pesquisa intitulada: “Fazendo a Feira: a transformação do cotidiano daqueles que fizeram o Centro Comercial de Camaçari”.

Agora, neste trabalho, minha preocupação voltou-se para a pesquisa cujo título é “Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia 1970/2007”. Tem como problemática de estudo as práticas cotidianas dos feirantes, buscando compreendê-las como práticas de enfrentamentos sociais, ocorridos neste território urbano.

Esse período levou-me a intensos diálogos com outros autores, incorporando novas reflexões e leituras sugeridas por professores e colegas do curso. Foram múltiplos olhares que contribuíram a esta investigação.

Nesta pesquisa me detive a perceber as dinâmicas particulares dos sujeitos históricos frente ao processo de “modernidade”¹ do espaço da feira, analisando as tensões das relações de poder entre Prefeitura e feirantes, como também a importância do trabalhador no mercado informal² da feira livre de Camaçari e sua importância no abastecimento da cidade e suas formas de organizações.

Essa pesquisa também é fruto gerado de meus comprometimentos com os feirantes e a cidade de Camaçari desde o ano de 2001. Foi no decorrer dos meus envolvimento com estes trabalhadores que a problemática delineou-se, ao tempo em que intensificava e reafirmava a importância desse estudo, percebendo que os feirantes contribuem duramente no processo de desenvolvimento do município. Para isso, os recortes temporais deste estudo irão de 1970, década da chegada do Pólo Petroquímico, até aos dias atuais, compreendendo um longo período de transformações e mudanças no espaço físico e no cotidiano da feira livre e Centro Comercial de Camaçari.

¹ Neste estudo utilizei o conceito modernidade através da ótica de Néstor Canclini “A modernidade é vista então como uma máscara. Um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais, sobretudo os que se ocupam da arte e da cultura, mas que por isso mesmo os torna irrepresentativos inverossímeis”. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3º ed. São Paulo: EDUSP, 2000.p. 25.

² Entende-se “mercado informal como sendo integrado por todas as pessoas que desenvolvem atividades sem carteira assinada” conceito adotado para os trabalhadores da Feira de Camaçari. In. BAHIA. Secretaria de Indústria e Comércio. *O gigante invisível*. Estudo sobre o Mercado Informal de Trabalho na Região Metropolitana de Salvador, 1983 p.21.

A transferência para as novas instalações, onde estabeleceu a Nova Feira, ocorreu em 26 de setembro de 2001. Entretanto, os três ou quatro anos que antecederam a inauguração daquele espaço fizeram com que a cidade virasse de “cabeça para baixo”.

Os administradores municipais defendiam a “modernização” do espaço da feira livre, e a dinâmica da cidade, enquanto que muitos trabalhadores levantaram seguras ponderações e nos debates da Câmara Municipal, os ânimos acirravam-se. Certamente, muitos defendiam a falta de sintonia entre mercado e a posição do município em relação ao pólo industrial. Por um lado, a desorganização e a falta de higiene em meio a boxes, barracas e mercadorias exposta ao chão; por outro, sofisticados instrumentos e maquinários de ponta nos pátios e galpões das indústrias. Seguramente levando-os aos esquecimentos dos feirantes e suas dificuldades em se adaptarem às condições da Nova Feira.

Os feirantes relutaram ao que tudo indica, em aceitar “os ventos da modernidade” imposta pela administração municipal. Uma feira que, por vezes, representa um lugar não muito bem vista aos olhos daqueles que desenvolvem atividades comerciais ao seu redor. Porém, compreendê-la e interpretá-la é visualizar outros focos do que incomoda, como um complexo de relações humanas, tendo sua própria dinâmica constituindo-se em espaços de lutas cotidianas, uma arena para diversas dimensões da cultura popular.

A cidade foi, aos poucos, introduzindo uma nova paisagem, no espaço de uma feira que muito contribuiu no seu desenho ao longo do último meio século. Novos conceitos de administração, também, distanciaram-se, de forma lenta, mas irremediável, dos modelos tradicionais de controle dos problemas sociais. Trata-se enfim, das mudanças na feira de todos os dias, do apoio à sobrevivência de um grande número de trabalhadores, em um

longo processo de construção e reconstrução, possibilitando uma compreensão de quem é o feirante, e a partir dele entender a nova dinâmica instituída num espaço novo. É essa Cidade, Feira, Centro Comercial e seus Feirantes que pretendo reencontrar neste estudo.

Entender as memórias e os esquecimentos nos relatos orais daqueles trabalhadores me possibilitou perceber, às angústias e reveses experimentados no deslocamento para a Nova Feira e as estratégias para tentar criar alternativas diferentes das apresentadas pelo poder municipal, estimularam intensamente a continuidade da proposta de trabalho inicial da pesquisa.

Por outro lado, deve-se destacar a relevância do tema aqui apresentado na produção historiográfica baiana. Na medida em que fazia o levantamento bibliográfico preliminar sobre Feiras na Bahia e a Cidade de Camaçari, já foi possível visualizar as dimensões da História recente do Estado. Na realidade, a predileção por temáticas e balizas temporais fincadas no século XIX, e espaços inseridos em Salvador e no Recôncavo Canavieiro, condicionam uma acentuada distância de olhares sobre objetos de pesquisas próximos ao que referimos nesse estudo.

Estudar essa temática me proporcionou preencher lacunas sócio-históricas sobre trabalhadores da feira livre, inseridos no mercado informal da cidade de Camaçari.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo compreender a percepção e a representação do feirante local frente à mudança do espaço físico da feira. Discorrerei entre os anos de 1970 e 2007, período de importante representação no momento histórico que vivia Camaçari, tendo como principais evidências históricas, depoimentos de feirantes

antigos (mais de vinte anos de experiência), e velhos moradores do município, assim como recortes de jornais, fotos, livros e artigos que remetam as questões trabalhadas nesse estudo.

Para atingir esse objetivo, se faz necessário compreender as práticas dos feirantes perante as intervenções pública, através de intensos diálogos, avaliando as estratégias do poder público municipal no que se refere ao feirante do Centro Comercial de Camaçari. No decorrer das administrações, buscar entender como esses trabalhadores consolidam um modelo de trabalho na feira; estudando como eles estão sendo re-configurados diante das necessidades da feira, fazendo frente à modernidade em Camaçari, percebendo dimensões do cotidiano no Centro Comercial e da Nova Feira. Neste sentido, identificaremos as intervenções da realidade na feira com a vida urbana.

O objeto deste estudo é avaliar o problema social na cidade de Camaçari, sob a perspectiva de compreender a realidade do dia-a-dia dos trabalhadores da feira, descortinando um momento histórico fundamental para o debate: o processo de configuração do feirante do Centro Comercial, e os momentos que se interligam numa mudança como alternativa de um novo espaço, visualizado num projeto político, social e cultural para o município de Camaçari.

Pretende esta dissertação, portanto, estudar as representações do feirante da Nova Feira de Camaçari, buscando perceber a importância desta dinâmica no processo de construção do cotidiano desses trabalhadores, discutindo as vivências desses homens, abrangendo o período histórico que compreende a intensificação da insatisfação na

mudança da feira, gerando um processo de crise no trabalho informal, sem perder a fase de sucesso dessa economia.

A intensa jornada de mapeamento das fontes e bibliografia se deu de forma árdua, uma vez que me deparei com as dificuldades da desorganização dos arquivos, a má disponibilidade dos funcionários para encontrar as pastas dos documentos.

No que tange as fontes orais contei com apoio de pessoas conhecidas que proporcionaram uma teia de laço amigável, possibilitando a mim certa confiança entre os depoentes. Desta forma pude trilhar e ter acesso às entrevistas.

As informações sobre o crescimento urbano de Camaçari foram coletadas através de pesquisa documental no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, assim como o crescimento do setor industrial e comercial. Os dados econômicos com relação às décadas 50, 70 e 80 foram recolhidos com base nas publicações do IBGE.

O Centro de Estatística e Informações - CEI, através de publicações nos forneceu informações sócio-econômicas do município, principalmente para os anos 70, 80 e 90.

A pesquisa foi realizada nos diversos acervos públicos e particulares, dentre esses, Bibliotecas, Universidades, Faculdades, Arquivos, Secretarias, Fundações, etc.

Na região da cidade do Salvador consultei: a Biblioteca Central da Bahia (Centro de Estudo Baianos), a Biblioteca Central da UFBA, assim como a Biblioteca do Mestrado, a Biblioteca Central da UNEB, além da Biblioteca da UNEB - Campus V, Biblioteca

Central da UEFS e Biblioteca da Universidade Católica do Salvador - Campus Federação. Outras Bibliotecas foram consultadas, tais como: Biblioteca Rômulo Almeida e Biblioteca Linda Conde (Bahiatursa).

Dos acervos literários das Faculdades da Universidade Federal da Bahia, foram pesquisadas a Faculdade de Economia, a Faculdade de Geociências, a Faculdade de Arquitetura e a Faculdade de História.

Fora o universo acadêmico, diversos centros de pesquisa foram utilizados, dentre eles: Arquivo Público do Estado da Bahia, Arquivo Municipal do Estado, Instituto de Radio Fusão Educativa da Bahia (IRDEB), Fundação Gregório de Mattos, Fundação Clemente Mariani (CEDIC), Centro de Documentação da Católica (CEDOC), Acervo da Cúria Metropolitana de Salvador sob guarda do Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio Veiga (LEV), Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Gabinete Português de Leitura, Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Bahia, além dos documentos das Secretarias Municipal de Serviços Público e da Cultura e Turismo.

No Município de Camaçari foram consultadas: a Biblioteca Central, a Biblioteca Infantil, a Casa da Cultura, a Associação Comercial e Industrial de Camaçari, o acervo do IBGE, e o acervo da Câmara Municipal de Camaçari - Centro de Informação e Documentação da Câmara Municipal (CICAM).

No âmbito nacional, visitei algumas Universidades Federais do Brasil, como as do Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Espírito Santo, Goiás e Minas Gerais. Sendo possível “dialogar” com esse material.

Ao fazer esse levantamento rigoroso das pesquisas acadêmicas na Bahia, em busca de fontes e bibliografia que versassem sobre o tema, verifiquei um acentuado descuido com estudos históricos sobre as feiras das cidades da Região Metropolitana de Salvador, com exceção da própria capital baiana. Nesse levantamento encontrei novos pesquisadores com preocupações e estudos voltados para questões relevantes ao tema, desdobrando-se em dissertações, teses e trabalhos. Camaçari está entre aqueles espaços colocados à margem da historiografia, embora desempenhe um notável papel na industrialização baiana, particularmente com a presença do Pólo Petroquímico, após a década de 1970.

Muito provavelmente, os olhares sobre a fase Imperial na Bahia e as preocupações com contribuições africanas em nossa História, podem explicar tal predileção. Além de Salvador, é notável a atenção ao Recôncavo Canavieiro, sedimentando a opção quase que generalizada.

Mais recentemente, novas gerações de historiadores estão avançando na perspectiva de ampliar o campo das pesquisas, quanto aos espaços do Estado baiano em relação ao tema “Feiras Livres”. Tudo indica que venha ganhando espaço juntamente ao grande número de pesquisa sobre o negro, sobre os movimentos sociais, os partidos políticos, o coronealismo e o capitalismo x subdesenvolvimento, ainda que sejam muito importantes.

A bibliografia encontrada referentes às feiras livres e mercados possibilita perceber que uma parcela de autores tem uma preocupação em retratar a contribuição desses espaços para as cidades ao qual seu estudo refere-se.

As referências bibliográficas incorporadas em minhas reflexões, as quais contribuíram para pensar as feiras livres e os mercados são:

O autor Luiz Roberto de Barros Mott nos estudo sobre, “*Feira de Ladra*”, se propõe em seu artigo a refletir sobre os anos de 1552 e 1971, realizando um estudo no cotidiano em Portugal tentando articulá-los aos aspectos da “sociedade global”. Neste sentido com seus produtos vendidos e as dimensões da hierarquia entre os comerciantes do varejo.

Na dissertação de Mestrado intitulada “*A feira do Brejo Grande*”, o autor Luiz Roberto de Barros Mott, faz um estudo realizado em Sergipe, indicando caminhos de pesquisa no sentido de compreender a cidade a partir da feira e de sua geografia, sem perder de vista dimensões culturais e sociais da vida do feirante.

Virgínia Roberts Raul autora do livro, “*Estudos de História Medieval*”, em seu capítulo - *Feiras Portuguesas do Século XII* - retrata sobre as feiras medievais portuguesas, propondo diferenciar feiras de mercados, enfatizando em seu estudo a feira como um grande mercado, constituindo-se em uma grande influência, destinado a distribuir alimentos para a população local.

Já no livro *“Feiras Medievais Portuguesas Subsídios para o seu estudo”* Virgínia Roberts Raul tem uma preocupação voltada para o estudo de temáticas que versam sobre questões econômicas, delineando o tema desde a época Medieval até o século XVIII, dialogando com alguns estudos sobre a pré-história. A autora contribui em seus estudos, enfatizando a importância das feiras para a organização econômica da Idade Média. Segundo Raul, as feiras surgiram quando o mundo ocidental acordou da estagnação econômica e que estas contribuíram para as cidades, mas não são causadoras da formação do núcleo primário da cidade.

O trabalho do autor Rollie Poppino, *“Feira de Santana”*, nos fala sobre a importância da feira para o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana, que se originou num rancho da fazenda Olho D’Água, constituindo-se na primeira feira de gado da Bahia iniciada no século XVI em Capuame na parte do Recôncavo.

O livro do geógrafo Miguel Cerqueira dos Santos, *“O Dinamismo Urbano e suas Implicações Regionais: O exemplo de Santo Antonio de Jesus”* buscou analisar as idéias do processo de urbanização nas cidades do Recôncavo Baiano e a ampliação do comércio, além do núcleo de origem da formação de cada uma delas. Ele enfoca as feiras livres como importantes acontecimentos para a organização do espaço urbano regional.

A autora do livro *“O Papel das Feiras - Livres no Abastecimento da Cidade de São Paulo”*, Olmária Guimarães, aborda o crescimento da cidade de São Paulo e o seu incremento demográfico acarretando uma série de problemas como o abastecimento alimentar da metrópole. O espaço urbano ou a procedência dos produtos ficou sujeito às características físicas, econômicas e as exigências do mercado consumidor. Em seu

trabalho ela teve uma preocupação em definir as feiras livres em pontos partindo inicialmente do tamanho e número de feirantes existente.

O trabalho do autor Francisco Pereira Junior, *“Feira de Campina Grande - Um Museu Vivo da Cultura Popular e do Folclore Nordestino”* propõe-se a compreender o fenômeno social, sua função econômica e responsável pela caracterização de cidade-mercado, na região de Campina Grande. O autor em seus estudos aborda a funcionalidade da feira livre duas vezes na semana assemelhando-se as Feiras de: Caruaru em Pernambuco e a de Feira de Santana na Bahia, questões referente ao abastecimento do comércio e sua identificação com a origem da própria cidade.

“Bahia: A Cidade do Salvador e seu Mercado no século XIX”, livro da autora Kátia Maria de Queirós Mattoso em seu terceiro Capítulo trata sobre O Mercado de Salvador no Século XIX, é um estudo sobre os problemas de abastecimento e organização do comércio, não perdendo de vista a organização dessa produção.

A pesquisadora Cecília Moreira Soares, nos estudos sobre: *“Mulheres Negra na Bahia no Século XIX”*, ao estudar a questão da mulher negra e mestiça - escrava e liberta, enveredadas por debates que ainda hoje afetam diretamente a condição do trabalhador nas feiras livres, uma vez que a autora dedica-se a compreender as relações vivenciadas na rua por essas mulheres.

A pesquisa de mestrado de Alberto Heráclito Ferreira Filho, *“Salvador das Mulheres, Condição Feminina e Cotidiano popular na Belle Époque Imperfeita”*, realizada nos anos de 1994, dedica, dentre outras questões capítulos referente ao trabalho feminino

no espaço urbano, comércio de alimentos e a preocupação do governo em relação à questão higienista nas feiras livres, o discurso formado pelos médicos, no governo de José Joaquim Seabra (1912-1914) e do governador Francisco Marques de Góes Calmon (1924-1928).

“Trabalho árduo e liberdade: o cotidiano dos vendedores ambulantes em Salvador (1968-1990)”. A pesquisadora Vilma Maria do Nascimento, nos estudos de mestrado tem suas preocupações voltadas para as condições e experiências de vida, dos trabalhadores ambulantes nas ruas de Salvador, enfocando as severas dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores do mercado informal.

“Viver do Barro: trabalho e cotidiano de oleiros Maragogipinho-Ba: 1970 -1998”, dissertação da autora Virgínia Queiroz Barreto, é um estudo com preocupações sobre os trabalhadores do barro da cidade de Maragogipinho, em sua pesquisa ela trabalha a Feira do Caxixi e a festa do povo do barro, neste estudo ela reflete sobre as memórias dos feirantes da cidade.

O estudo de Márcia Regina da Silva Paim, sobre *“Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “Mulheres de Saia” e Homem em feira soteropolitana (1964-1973)”*, propõe-se a estudar as representações e práticas religiosas, dificuldade de trabalho no cotidiano de homens e mulheres na feira de São Joaquim.

Embora encontremos estudos sobre feiras livres e mercados no Estado da Bahia, porém nenhum faz menção ao município de Camaçari. Nesse sentido, esta pesquisa sobre *“Representação dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari-Bahia: 1970 -2007”*,

propõe trazer uma significativa contribuição, na medida em que desloca de alguma forma, o foco privilegiado, tanto quanto ao espaço, quanto ao recorte de tempo, e de certa forma destacando o trabalhador informal no espaço da feira.

Nota-se também, a inexistência de pesquisa que tenham como problemática central, processos históricos transcorridos entre os trabalhadores de feiras e mercados do município. Espaços que se constituem em territórios urbanos específicos e que ganham visibilidade, enquanto fazem emergir vestígios da cultura de uma época.

Certamente, olhar a feira é compreender tensões e conflitos que surgem nas relações para os feirantes em lidar com as mudanças de espaço físico ocorridas no novo espaço; mudanças igualmente relacionadas a negligências do poder público em não pensar políticas que atendam as especificidades desses sujeitos sociais, para valorizar suas preocupações com o “progresso”, a “modernidade” e a “higienização”.

Estudar a feira e os feirantes de Camaçari sugere infinitos desdobramentos sobre as percepções da cidade e seus relacionamentos com tantas outras localidades da Bahia. Desta forma, buscamos aqui atentar para questões sociais “esquecidas” pelos setores dominantes como a prostituição, que invade a cidade e a feira, na condição de uma dimensão fundamental do viver urbano.

Hoje, distante do primeiro núcleo de habitantes que esse município recebeu no século XVI, a população está se modificando e o comércio local também vem tendo suas transformações, tanto nas atividades econômicas como na agricultura, privilegiada pela

ligação férrea à cidade que pode estabelecer relações comerciais com outras regiões e acompanhar o desenvolvimento local.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas como metodologia as vertentes da história social por entender que o processo histórico se dá a partir das relações humanas do “cotidiano” desse trabalhador que supera, resiste e se reconfigura diante das situações impostas. Entendendo as transformações históricas a partir das ações de um coletivo e da práxis social, as feiras possuem a sua própria dinâmica por entender que nela constitui um espaço de luta, uma verdadeira explosão cultural.

Este trabalho tem sua fundamentação nos depoimentos orais, uma vez que utilizará intensamente as entrevistas orais e análise da memória oral, escrita e imagética sobre os feirantes na cidade de Camaçari entre 1970 a 2007. Vamos ter a oportunidade e a sensibilidade de conhecer Histórias diversas, mas que se confundem num determinado momento, homens e mulheres oriundos de diferentes regiões acabam dividindo alegrias e tristezas no espaço da feira.

Neste sentido não significa considerar que a História Oral se resume à produção de entrevistas, a partir de um questionário preparado a priori, como que definido exclusivamente por perguntas e respostas. De um modo mais amplo, a entrevista, compreende uma relação social, na qual pesquisador e depoente estudam-se constantemente.

Na história cultural seus desdobramentos variam de acordo com as preocupações de cada historiador distando-se de compor uma corrente heterogênea. As práticas e

representações, a invenção das tradições, experiências, memórias, esquecimentos, identidades são algumas das balizas que direcionam o campo de reflexão desse estudo.

Nesse sentido, busquei através das perspectivas teórica da história cultural, compreender as práticas, trajetórias e experiências do feirante de Camaçari, dentre o período de 1970-2007.

O que se pretende destacar é que o pesquisador participa da própria entrevista, de modo a transformá-la numa *“troca entre dois sujeitos; literalmente uma visão mútua”* (PORTELLI, 1997: 15). Trata-se de considerar, portanto, uma particularidade da fonte oral que aponta novas alternativas de tratamento deste tipo de suporte de investigação histórica. Por outro lado, pressiona na instauração de novas possibilidades de construção do texto historiográfico, uma vez que *“o narrador agora é empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história”* (PORTELLI, 1999: 21).

O depoimento oral tem sido utilizado como fonte de informação acerca dos eventos históricos. Conforme descreve Portelli:

“Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história” (PORTELLI, 1993: 41).

Nesse ponto de vista, a História Oral mostra-se como um território de encontro e um gênero discursivo que envolve a escrita e a oralidade, o historiador e o depoente.

Assim, as variações da voz, o ritmo da fala, o conteúdo emocional do testemunho devem ser objeto de preocupação do pesquisador.

Alessandro Portelli fala, a propósito, da necessidade de se considerar o depoimento oral como narrativa, destacando aspectos ligados à diferença de duração entre o fato ocorrido e o fato narrado, a intensidade de elementos formais (provérbios, canções) na entrevista, a caracterização como factual ou artístico. O autor chama a atenção para estudos através dos depoimentos orais, buscando perceber as diferenças entre uma e outra entrevista³. Assim, sempre atenta aos argumentos utilizados pelos depoentes, como forma de justificar suas práticas cotidianas e os eventos narrados, buscamos nas narrativas dos entrevistados os significados de suas lembranças.

Segundo o autor Alistair Thompson o pesquisador não deve deixar de lado as diversas camadas de memória individual, bem como a pluralidade das versões sobre o passado fornecido por diferentes narradores⁴.

Trabalhar com História Oral é interpretar o contexto vivido pelas pessoas e suas representações, no momento do encontro do entrevistador com o entrevistado, “*é sempre uma interrogação, como de um documento desconhecido*” (MONTENEGRO, 2001: 21). Neste sentido, tenho procurado atentar para o instante em que a dinâmica da memória / esquecimento, apresenta rasgos das experiências e vivência dos feirantes de Camaçari, em seu ambiente de trabalho, como um lugar de memória que, como diria Pierre Nora,

³ Ver, PORTELLI, Alessandro. In. Revista Projeto História. op. cit. p. 17.

⁴ Ver, “*Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*” de Alistair Thompson. In. PERELMUTTER, Daisy e ANTONACCI, Maria Antoniera (orgs.). Projeto História nº 15 “Ética e História Oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/SP, 1997. p. 51-71.

valoriza “*mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado*”. (NORA, 1993: 13).

Nesse estudo, busquei as diferentes linguagens, escritas, orais ou visuais, que nos permitem apreender como os diversos segmentos da cidade se manifestam em relação a interesses comuns ou opostos e as estratégias de controle social. Compreender as conflitantes representações na feira não só através das memórias orais de homens e mulheres que lá trabalham, mas de todos aqueles que disputam o espaço da feira livre e do Centro Comercial de Camaçari.

O processo de coleta das entrevistas apresentou-se como um momento prazeroso, uma vez que, ao longo do contato, tivemos a oportunidade de conhecer pessoas, com as mais diversas experiências de vida.

Os depoimentos orais possíveis de serem coletados e analisados por meio da realização de entrevistas e a apreensão de diferentes olhares sobre a cidade, assim como a compreensão do uso que lhe atribuem.

Todos os depoentes desse conjunto de diálogos informais e de entrevistas gravadas, a serem feitas incluem:

- O senhor Antonio Carlos Pereira Filho muito conhecido como Charles Publicidade, meu primeiro contato na feira, radialista da feira, nascido em 03 de julho de 1953 encontra-se com mais de 27 anos trabalhando no espaço da feira, morou em diversas cidades na companhia de sua mãe, criou seus filhos em Camaçari, que

também experimentaram o espaço da feira. Remete ao seu crescimento profissional, sua presença na feira;

- O senhor Lourival muito conhecido como “Louro” do setor de embalagens, feirante há mais de 26 anos, se constituiu em importante “elo” de ligação com os feirantes. Apresentando-me, explicando e convencendo aos outros a conceder entrevistas;
- A senhora Noêmia Monteiro, 32 anos de idade, secretária/gerente da feira, nascida e residente do Município de Salvador;
- A senhora Maria Araújo Cruz, teve uma vida difícil ao lado de seus filhos. Veio de trem da cidade de Petrolina até Camaçari. Trabalhou e trabalha na feira desde menina, desenvolve sua atividade como feirante de segunda a domingo, reservando os domingos para trabalhar na feira de Monte Gordo onde atualmente reside. Casada, possui casa de aluguel no município de Camaçari, hoje chora de alegria ao lembrar do passado quando por inúmeras vezes fora enganadas na compra de terreno, na esperança de ter sua casa própria. Depoimento gravado em sua residência num bom e descontraído dia de domingo;
- O senhor João Neto, 68 anos de idade, nasceu na cidade de Garanhuns/PE, veio para o município de Camaçari em 1975 e de lá para cá vive feliz por “não ter batido cartão para ninguém”;

- A senhora Tereza das verduras, possui 58 anos de idade, nasceu em Petrolina, é feirante há 26 anos, casou-se aos 16 anos com um feirante, e toda a sua família vende produtos na feira divididos entre a cidade de Camaçari e Alagoinhas;
- A senhora Maria Alice Nunes, feirante da ala dos cereais vive constantemente em dificuldades, atualmente complementa sua renda vendendo lanches no estacionamento da Ford, filha de feirante trabalhou na feira desde 1974;
- A senhora Maria Alice Romualdo, filha de feirantes trabalha em outras feiras da Bahia ao lado de sua família, seguindo a jornada desde os 11 anos de idade. Casada com um feirante lutam no dia-a-dia por um espaço na feira livre de Camaçari;
- A professora Sandra Maria Ribeiro Parente Soares, filha de migrantes pernambucanos, educadora no município de Camaçari durante uma jornada de 30 anos. Formada no curso de Filosofia na Universidade Católica do Salvador, publicou em 2001 “*Camaçari sua História sua Gente*” livro que faz um resgate de suas memórias vividas na cidade e no último dia 18 de maio de 2007 lançou o seu segundo volume “*Histórias que não conte*”;
- O senhor Humberto Leite, administrador da feira desde 01 de janeiro de 2007, micro-empresário na cidade, desempenhou função na Secretaria de Expansão Econômica do Município;
- A senhora Martina Paulina de Jesus Alves, nasceu em Santa Bárbara, filha de Dona Jovita Paulina de Jesus uma das primeiras feirantes de Camaçari, casada, têm

filhos, é uma ex-feirante que não perdeu o hábito de comercializar, reside atualmente no município de Camaçari;

- A senhora Juliana Onória dos Santos (in memoriam), conhecida como Dona Júlia dos Temperos, senhora de saúde comprometida, mesmo com as dores da artrose, vinha todos os dias a feira. Pagava uma condução de sua casa no bairro dos 46 até a feira para garantir o sustento de sua família uma vez que sua filha havia perdido o boxe e tinha uma filha para criar. Iniciou-se na feira com 17 anos e aos Domingo trabalhava na feira de Monte Gordo, mesmo sofrendo de fortes dores no corpo. Concedeu uma entrevista gravada, mas foram inúmeras conversas e histórias sobre a feira;
- O senhor Percílio Alves, trabalhou com o ramo de terraplanagem, casado com uma ex-feirante, nasceu em Camaçari, foi criado por sua avó, com o trabalho e muito suor da roça;
- O senhor Jamil Kadra Zacharia, nasceu em Camaçari, e tornou-se comerciante do município;
- A senhora Maria do Rosário reside no município de Camaçari desde a vinda de seus pais para a cidade, atualmente aposentada pela Prefeitura do município;
- A senhora Carlinda Santos Anunciação, nasceu no município de Riachão do Jacuípe, feirante desde criança, atuando na feira de Camaçari a mais de 40 anos. Formou-se em professora do magistério na cidade de Feira de Santana, casou-se

com o Senhor Fidelis, sapateiro no município, possuem juntos uns patrimônios de imóveis de aluguel. Criaram 33 crianças de rua e sua filha que se formou em enfermeira pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Dona Carlinda Santos e o Senhor Fidelis levam uma jornada de trabalhar em Camaçari de segunda-feira a sexta-feira e nos finais de semana vão para a cidade de Feira de Santana onde viveram boa parte de suas vidas.

Os critérios utilizados para escolher os depoentes se deram da seguinte forma: inicialmente pensei em estudar os feirantes que não foram contemplados com boxes na Nova Feira, mas as dificuldades de encontrá-los e até mesmo a delimitação dessas questões, me permitiu ampliar e trilhar um outro caminho, levando a buscar uma compreensão de como a feira contribuiu com a cidade no decorrer dos anos, buscando depoentes: feirantes⁵ e moradores antigos do município⁶.

De posse das entrevistas, passei a ouvi-las e transcrevê-las criando intensos diálogos com as fontes, procurando desvendar os empecilhos. A partir da investigação de como, onde, e o que se fala, tentei reconstruir um pouco desse debate sobre a presença do feirante no fazer urbano de Camaçari.

É certo que ao longo da pesquisa inúmeras surpresas poderão ser encontradas. Na realidade, na altura em que a pesquisa avança nas suas investigações, pode-se vivenciar com muitas angústias que das procuras de fontes têm se realizado em meio à complicadas

⁵ A escolha dos feirantes obedeceu aos seguintes critérios: ter mais de 20 anos de experiência (muitos começaram o exercício desde a infância); trabalhar na Administração da feira.

⁶ A escolha dos depoentes obedeceu aos seguintes critérios: de preferência ser maior de 45 anos; ter nascido no Município; ter pelo menos 20 anos quando o Pólo se instalou na cidade; equilibrar em número, homens e mulheres entrevistados.

relações políticas no município, o que por vezes dificultam ou inviabilizam a entrevista. Dentre esses empecilhos destaco o que geralmente ocorre: a dificuldade de encontrar um horário livre disponível para conversar com os depoentes e um local apropriado para realizar as entrevistas. No mesmo sentido o universo da documentação escrita acerca da cidade e da feira apresenta costumeiros problemas de escassez e/ou desorganização arquivísticas.

Mas enfim, o primeiro passo foi “mergulhar” na feira e indistintamente com quem quer que fosse, trazer possíveis depoentes e iniciar as negociações para futuras entrevistas. É no espaço da feira que estão presentes às vivências do trabalhador destacando-se com extrema importância para a memória histórica que pesquiso. É certo que muitas lembranças e esquecimentos acabam transformando-se em documentos de denúncias e de questionamentos sobre todos os problemas vividos na feira, especialmente aqueles relativos aos enfrentamentos com o poder público municipal.

Ao trilhar os possíveis caminhos da pesquisa, percebe que muitos discursos foram surgindo, e por conseqüências também variadas foram às formas de mediação dos conflitos presentes no cotidiano da cidade.

Nesta dissertação fiz utilização de outras fontes de pesquisa, uma vez que não descarto o leque de possibilidades, dentre eles, estão em particular os jornais de circulação Estadual e Local, em busca de variadas e conflitantes informações/interpretações do lugar da feira naquela cidade: Jornal A Tarde, Tribuna da Bahia, Jornal da Bahia, Camaçari Agora, É Notícia, Folha do Subúrbio, entre outros. Essas documentações foram

encontradas em Bibliotecas Públicas e Arquivos Particulares, sendo que a grande essência dela são as fontes orais.

Os documentos ditos “oficiais” incorporados em minhas leituras, reflexões, confrontos de memórias e choque nas informações referentes às datas de fundação do município, número da população, enfim dentre elas estão as publicações do IBGE e da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, Processos, Atas da Câmara Municipal de Camaçari e Arquivos Particulares de antigos Vereadores e Prefeitos nos tem permitido compreender os discursos e representações de segmentos sociais e da administração local e do poder público, que predominam suas influências sobre as idéias dos agrupamentos de feirantes e da população no geral.

Pretendo buscar também, a incorporação de fotografias, nos diversos momentos utilizando-as como referencial geográfico na pesquisa, e também como um recurso que pode oferecer pistas de questões a serem, durante a pesquisa, problematizadas no cruzamento com outras fontes, sobretudo os depoimentos orais. Em outros sentidos, elas serão extremamente úteis para facilitar a percepção de dimensões ou menos obscuras dos outros materiais utilizados. Segundo Jacques Le Goff quando ele nos atenta para a importância da fotografia como rico material de análise para a história em seus estudos sobre História e Memória (LE GOFF, 1996).

As entrevistas foram realizadas após uma conversa com os depoentes, explicando-os um pouco sobre a proposta da pesquisa, a importância e a necessidade de possível entrevista. O segundo momento de contato com o depoente foi em sua residência, local que me permitiu delinear um perfil sobre o feirante. Também irei apresentar fotografias de

épocas passadas do município de Camaçari. Proporciono um mergulho em dimensões até então não percebidas na historiografia.

Neste sentido, busquei perceber outras passagens nos depoimentos que indicam questões em suas falas, pretendendo explorar nas entrevistas e tentando esclarecer os esquecimentos tornando-os num cenário onde os feirantes são os protagonistas, nesse estudo refletiremos sobre cultura “*como todo um modo de vida e todo um modo de luta*”⁷, cujas peculiaridades são pertencentes ao dia-a-dia culminando em grandes cenas da história da vida.

O autor Peter Burke, na obra “*Cultura Popular na Idade Moderna*”, investiga os conceitos de cultura erudita e cultura popular na Europa Moderna, destacou que a cultura não deve ser compreendida como homogênea no que se faz necessário considerar semelhança e diferenças nos setores sociais. (BURKE, 1983:50-90).

Trabalhadores, sujeitos anônimos, são o foco central desta pesquisa que pretendo estabelecer um diálogo com as idéias presentes no trabalho de Edward P. Thompson - “*Costumes em Comum - Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*”, constituindo um conjunto de ensaios vinculados a questão dos costumes e de como os mesmos se manifestam na cultura dos trabalhadores no século XVIII e parte do século XIX. Nesta obra o autor faz um importante comunicado quanto às generalizações sobre a “cultura popular” entendendo cultura como “*um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escritor e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole;*

⁷ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em História*. Editora Ática. 3º ed. São Paulo, 1989. p.7.

uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão impressiona assume a forma de um sistema, e na verdade o próprio termo cultura, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições existentes dentro do conjunto”⁸.

Já Antonio Torres Montenegro - *“História Oral e Memória - A Cultura Popular Revisitada”* é um trabalho que aborda a cultura dos trabalhadores - construtores da História até recentemente ignorados pela produção historiográfica - como preocupação central. O autor Antonio Torres Montenegro aborda a partir dos relatos destes indivíduos, a visão que os segmentos populares têm da própria vida e do mundo ao redor. Assim, seus estudos representam uma abordagem à cultura popular, entendendo-a como *“um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciências que possuem lógica própria distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência”* (CHAUÍ, 1993)⁹.

Esta dissertação está dividida em quatro partes: O primeiro capítulo intitulado **“A Cidade e a Feira”**, tem como objetivo fazer um breve relato histórico do município de Camaçari, desde seu povoamento, suas configurações, situação geográfica, características social, econômica e política e seu papel na região. Procurei nesta pesquisa esclarecer a importância do estudo sobre a cidade e suas especificidades, apresentando o processo de migração e urbanização, os impactos na estrutura urbana com a chegada do Pólo, seus fenômenos, os impactos sobre a cidade, evidenciando os aspectos do município de Camaçari destacando elementos básicos para compreendermos a sua dinâmica.

⁸ THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum - estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 p.17.

⁹ Um conceito de Marilena Chauí discutido na obra *“Conformismo e Resistência Aspecto da Cultura Popular no Brasil”* Ed. Brasiliense. 5º ed. São Paulo, 1993.

No segundo capítulo **“A cidade constituída pelos feirantes e constitutiva de suas experiências”**, por meio de depoimentos orais, explorei mais a linguagem dos feirantes, compreendendo uma cultura que lhe é própria. Investiguei a linguagem dos ambulantes na sua característica singular, típica e desvinculada da norma culta, e que por se pautar na oralidade, no campo do “popular”, constitui-se nas expressões de sua forma de vida, luta, resistência, concepção de valores, e principalmente, ao trabalho enquanto condição de sobrevivência.

No terceiro capítulo: **“Mudanças e Trajetórias”**, estudei as modificações da cidade, as mudanças na feira, e que, mesmo o universo desses trabalhadores, antes de ser homogêneo e harmônico, é também multifacetado e conflituoso; procurei analisar a questão pelo ângulo das transformações, deterioração e revigoração dos espaços da cidade, o que me fez notar que a identidade acompanha o desempenhando num papel fundamental.

E por fim, **“Considerações Finais”** que discute aspectos relevantes desta dissertação, mas não esgota todas as problemáticas acerca do tema. Espero que este trabalho desperte a atenção de outros autores e facilite suas pesquisas no futuro.

PLANTAS DA CIDADE

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DO CENTRO COMERCIAL E DA FEIRA LIVRE DE
CAMAÇARI

FONTE: CONDER

Detalhe da Sede do Município de Camaçari

CAMAÇARI
PREFEITURA MUNICIPAL



- ZONA URBANA
- ZONA RURAL
- ZONA INDUSTRIAL
- VIAS PRINCIPAIS
- LINHA FERREA
- ORGÃOS PÚBLICOS
- LAZER
- SHOPPING
- BANCOS

ESCALA - 1:20.000

A RECONSTRUÇÃO CONTINUA
PREFEITURA MUNICIPAL

EDIDATA

CAPÍTULO I



Figura: 03 - Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria.

A Cidade e a Feira

A inocência e o vício estão na cidade, fazem parte da cidade, em suas relações concretas e espirituais... A questão é o estabelecimento de conexões novas, no contexto de toda a ordem urbana e do sistema humano que a cidade concentra e encarna (WILLIAMS, 1921, pp.208).

O diálogo sobre cidades é o eixo que direciona esse capítulo. Dialogando com os teóricos, busquei evidenciar os principais aspectos do município de Camaçari, destacando elementos básicos para compreender a sua dinâmica. Este estudo se propõe em compreender os intensos debates travados com os autores. Mas, a proposta da pesquisa é de ampliar o estudo criando um espaço para compreendê-la em suas diversas manifestações. Nosso intuito é resgatar a cidade através das representações, e entender suas questões no cotidiano dos trabalhadores que a constitui.

Neste sentido, os conceitos sobre cidades e os intensos diálogos debatidos nesse capítulo, permitirá compreender a organização sócio-espacial do município e a sua relação com a feira. Partindo da perspectiva de que a feira na cidade era o espaço de encontro entre o mundo rural e o mundo urbano.

Nas reflexões de Raymond Williams sobre as relações do campo com a cidade na direção de compreender que tudo está em transformação - por isso, não podemos perder os ritmos, o viver das pessoas que são diferentes. O autor nos ensina a perceber e compreender a cidade como um espaço experimentado e vivenciado. (WILLIAMS, 1989).

Nesse sentido, compreendemos o espaço como algo construído pelos sujeitos mediante as relações sociais que vai se estabelecendo, ao mesmo tempo, em que ele próprio interfere na constituição desse viver. Nesse estudo buscamos apreender na medida

do possível, experiências do mundo, forjados cotidianamente nesse fazer do feirante. E, através de suas experiências, redescobrimos a cidade de Camaçari.

As cidades, segundo o autor Fernand Braudel “*nasceram da mais antiga, da mais revolucionária das divisões do trabalho: campo de um lado, actividades ditas urbanas do outro*”. (BRAUDEL, 1970: 404). Essa dicotomia entre campo e cidade não é algo novo na visão do autor. Para ele pode ser entendida no nível histórico a partir da passagem da barbárie à civilização.

Supostamente o atual município de Camaçari tem sua origem vinculada a uma “*aldeia indígena*”¹⁰, localizada no litoral da Bahia, essa aldeia foi batizada pelos Padres Jesuítas como o nome de “*Aldeia do Espírito Santo*”¹¹ criada em 27 de setembro de 1758. Nesse mesmo século o povoado foi elevado a categoria de “*Freguesia do Divino Espírito Santo de Abrantes*”¹², no ano 1783.

Até o ano de 1924, Vila de Abrantes permaneceu sede municipal, com a (Lei estadual nº. 1809, de 28 de julho), mais tarde atual Camaçari, antes denominada como município de Montenegro, renomeada através do decreto de Lei 10.724 de 30/03/1938 é disciplinado a divisão territorial “vigente em 1º de janeiro de 1958”, (IBGE, 1959: 5).

Camaçari é uma região banhada pelas lindas lagoas: (Arembepe, Guarajuba e Itacimirim), pelos rios: (Joanes, Pojuca, Camaçari, Imbassaí, Punhaí, Capivara e Jacuípe) e por uma extensa faixa de praias: (Abrantes, Jauá, Arembepe, Barra do Jacuípe, Guarajuba

¹⁰ IBGE - Conselho Nacional de Estatística - Coleção de Monografias (3ª Série). Camaçari, p.3 1959.

¹¹ Provisão do Conselho Ultramarino 27 de setembro de 1758.

¹² Livros dos Municípios - Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador.

*Centro Comercial era o rio do Cinco que depois a própria comunidade abriu e fez um balneário que era a nossa praia aos domingos porque apesar de Camaçari ter seus 42 Km de praia nós não tínhamos acesso”.*¹⁴

Não havia transporte dentro da cidade, o meio de locomoção era o trem, que aos poucos foram substituídos pelas lotações internas e transportes rodoviários ligando-os aos municípios vizinhos.

O município, juntamente com as cidades de: Candeias, Itaparica, Dias D’Ávila, Madre de Deus, Lauro de Freitas, Salvador, São Francisco do Conde, Simões Filho e Vera Cruz constituem atualmente a Região Metropolitana de Salvador - RMS, abrangendo uma extensa área geográfica. De acordo com os Índices de Desenvolvimento Municipal (SEI, 2006) Camaçari se destaca entre os municípios baianos na 2ª posição de Índice de Desenvolvimento Econômico, na 10ª posição no Índice de Desenvolvimento Social, na 2ª posição nos Índices de Infra-Estrutura e Produto Municipal e na 4ª posição no Índice de Qualificação de Mão-de-Obra. (IBGE, 2000).

Camaçari está localizado na zona norte do Recôncavo Baiano, nas direções 40° 43’ a N.E. suas coordenadas geográficas são 12° 43’ de latitude sul e 38° 20’ de longitude W.Gr. (IBGE, 1959: 05). O clima da cidade é salubre e a temperatura amena. As estiagens ocorrem entre os meses de novembro a março, caindo chuvas mais intensas de abril a julho. Entre os acidentes geográficos mais importantes existentes no município destacam-se os rios, já mencionados entre as belezas da região.

¹⁴Depoimento fornecido por Sandra Maria Ribeiro Parente. No seu escritório, em Camaçari, em 15 de agosto de 2006.

Ela possui uma superfície territorial de 773 km² e administrativamente conta com três distritos: Monte Gordo, Parafuso e Abrantes. Distanto-se 40 km da capital, Salvador, e limita-se ao Norte com Mata de São João, ao Sudoeste com Simões Filho, ao Sul com Lauro de Freitas, a Leste com o Oceano Atlântico, a Oeste com Dias D'Ávila. (IBGE, 1959: 05).

Nos anos 1950, a população do município, segundo o recenseamento realizado pelo IBGE era de 13.800 habitantes com a seguinte composição: 6.907 homens, 6.896 mulheres, sendo na zona rural 67,83% da população, hoje, segundo dados demográficos recentes do IBGE, para o ano de 2000, a população se encontrava com 161.727 habitantes, sendo 80.962 homens e 80.765 mulheres, destes, 4,54% do total compõe a população rural. (IBGE, 2000).

“Com a descoberta da fonte vital, a água leve, cristalina, capaz de fazer milagres, atrai pessoas e mais pessoas em busca de cura e repouso”. (PARENTE, 2001: 34). Pessoas de diversas regiões identificavam Camaçari como o lugar perfeito e ideal para passear nos finais de semana tornando-se uma região para veraneio. Muitos desses visitantes se adaptaram com o clima saudável e acabaram estabelecendo residência nessa pequena região. Nesse período seu crescimento foi lento e gradativo.

Na foto abaixo temos a Estação Ferroviária que foi inaugurada em 16 de abril de 1943, construída pelo Engenheiro Lauro Farani Pedreira de Freitas diretor da Leste.



Foto: 01 - Estação Ferroviária. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 13.06.2007).

Aquela cidade que parava para ver a chegada do trem ainda está presente nas lembranças dos moradores antigos:

[...] A Estação Ferroviária daqui era o point da época então a cidade se baseava em torno dela e todo transporte era através dela, tanto o transporte de passageiro de carga e descarga também era com ela o horário final dos trens retornando era às 7:40h a 19:40h então lá é o point toda que o pessoal ia pra esperar os seus e também era o último trem passar todo mundo ia embora pra casa dormir descansar”¹⁵.. “O Pirulito ele vinha de Alagoinhas pra trazer os beijus aqueles negocinhos aquelas coisinhas pra vender pra gente ali também né farinha vinha de

¹⁵ Depoimento fornecido por Jamil Kadra Zacharia. Realizado pela acadêmica em História Leila Souza Vieira Fonseca, na sua residência, em Camaçari, em 06 de novembro de 2004.

*Alagoinhas”¹⁶. “ trem que passava que chamava o “Pirulito” que ia ver 07:40h, todo mundo ia pra praça ver o trem passar, aí ali rolava a paquerinha, rolava o namoro. Os rapazes pongavam e desciam do trem já pegando velocidade. Eles desciam, uns caíam por cima dos outros, era muito interessante, era maravilhoso o clima, a água e as casas dos vizinhos a porta da rua que todo mundo sentava pra chupar cana, a criançada toda brincano de picula, de bicicleta na rua até onze horas, meia-noite”.*¹⁷.

Percebe-se nos relatos do Senhor Jamil Kadra Zacharia, da Senhora Martina Paulina de Jesus Alves e da professora Sandra Maria Ribeiro Parente, apresentam boa parte do movimento da cidade tanto no escoamento econômico de produtos agrícolas e no deslocamento dos moradores que se dava em torno da estrada de ferro, principalmente com a implantação da malha ferroviária ligando Salvador a Sergipe, levando o município a ter mais um ponto de escoamento dos excedentes da produção agrícola permitindo seu crescimento agrícola.

A praça com os seus bancos, jardins, a Estação Ferroviária e o cinema apresentavam-se como um cenário de diversão para a população local. A presença das famílias nas ruas, os namoros, as brincadeiras de crianças, constitui-se uma intensa participação popular na cidade, garantida com a chegada do trem.

Nos dias atuais a fotografia nos apresenta que a Estação Ferroviária ainda se constitui como um local de encontros e entretenimentos da cidade, uma vez que as pessoas se reúnem em torno do bar que funciona dentro da Estação Ferroviária.

¹⁶ Depoimento fornecido por Martina Paulina de Jesus Alves. na sua residência Gleba A, em Camaçari, em 05 de junho de 2005.

¹⁷ Sandra Maria Ribeiro Parente. Depoimento citado.

Porém, “na década de 30, o estado da Bahia dá início a sua era rodoviária”.¹⁸ Essa manifestação via trem diminuiu muito com a presença das rodovias que ligava o município a capital do Estado, tornando-se um acesso muito mais rápido, diferentemente da rede ferroviária, que não acompanhou o desenvolvimento e até a estrutura comercial. Nesse período era muito precária contendo apenas alguns estabelecimentos comerciais “armazéns” e “vendas”.

Ainda é presente na memória de Senhora Martina a presença do trem “*eu cresci e que amadureci e que eu to velha hoje coroa velha onde pode ter ali pra mostrar aos meus netos*”¹⁹. Ela utiliza o trem como baliza de referencial para a sua juventude e definindo-o como Patrimônio da cidade.

A Senhora Martina Paulina de Jesus Alves, em suas lembranças relembra boas recordações da cidade e dos rios que cortam o município, visto que esses rios em particular contribuíram com o sustento de sua família “*a gente ia pegar essas verduras no rio lá nos Olhos D’Água que é de que agente vivíamos*”. Nascida no município de Santa Bárbara, filha de feirante, chega ao município de Camaçari ainda bebê como relata ao falar de sua trajetória “*minha mãe me trouxe no colo com seis meses de idade há cinquenta anos atrás*”.²⁰

Dona Martina Paulina, cresceu na cidade, e ao mesmo tempo acompanhou o crescimento e o desenvolvimento de Camaçari na década dos anos 1970. Ela atribui boa parte dessas mudanças sofridas a presença do Pólo, como algo benéfico para a população,

¹⁸ www.camacari.com.br/modelo_texto_fotos.asp?nivel=sb1&id=91. 02/03/2004.

¹⁹ Martina Paulina de Jesus Alves. Depoimento citado.

²⁰ Idem.

permitindo a Dona Martina a utilizar a expressão “*todo mundo se deu bem com a chegada do Pólo*”²¹. Mas, se pensarmos na questão geográfica, não foi tão benéfico assim, porque com a presença do Pólo, os rios foram transformados em açudes, diminuindo o seu volume. A maioria deles foi contaminada com esgotos domésticos devido ao crescimento da população e com esgotos industriais devido à presença das fábricas no município.

“*A organização do espaço urbano de Camaçari obedece a um esquema que pode ser descrito em linhas gerais como formado por cinco áreas distintas: Centro Comercial, Zona Antiga, Expansão Nordeste, Expansão Sudoeste e Setores Periféricos*”. (Plano Piloto de Camaçari, 1975: 16). Hoje, essa região de Camaçari encontra-se diversificada com indústrias e comércio, povoada por um povo acolhedor e de gente trabalhadora.

Nos relatos de Dona Martina Paulina fica claro o cotidiano desse povo acolhedor “*no bairro do Triângulo que o bairro também era tão pequeno que só quem tinha televisão e radiola era minha mãe. Mãe era quem deixava todo mundo sentar na porta para assistir o jogo quando tinha aqueles jogos né do Brasil imagine*”²². A antiga Camaçari vive nas lembranças desse povo acolhedor que acompanhou o crescimento do município, o desenvolvimento dos bairros e estabelecendo laços com a cidade.

Hoje em dia, andando pela cidade ainda encontramos animais e trilhos que não mais atendem a dinâmica de sobrevivência do município. O trem que se vê hoje é um meio de condução apenas de produtos químicos que se misturam à paisagem de prédios, casas,

²¹ Martina Paulina de Jesus Alves. Depoimento citado.

²² Idem..

estabelecimentos comerciais, animais, ônibus e carros que sustentam e equilibram a dinâmica de uma cidade voltada para uma economia industrial.

As mudanças são cada vez mais intensas “o engenheiro Mário Beléns Pinto substituiu os candeeiros a querosene pela energia elétrica fornecida por um motor”²³. Com a modificação da iluminação de candeeiro para energia elétrica tendo o fornecimento diretamente da Usina de Paulo Afonso, possibilitou um grande crescimento para o município.

Na década dos anos 1950, a cidade vinha desenvolvendo uma economia altamente inexpressiva, baseada no cultivo do coco e da banana, na exploração do carvão e numa rudimentar atividade pesqueira. Porém, esta tímida cidade se depara com um crescimento, econômico e geográfico na década dos anos de 1970 com a presença do Pólo Petroquímico.

*[...] Camaçari é uma cidade muito pobre só tinha uma oleria de seu Noberto Machado (...) depois veio a Santa Maria uma cerâmica antiga (...) tem a Poti que é uma cerâmica internacional (...) depois veio o Pólo (...) Céramus que era a riqueza de Camaçari depois da olerias (...) Camaçari ainda era pobre uma cidade acabada ai veio a Siquini a primeira montada no Pólo Petroquímico (...) depois veio a Fisiba (...) agora tem tanta fábrica.*²⁴

Identificam-se nos relatos da Senhora Martina uma seqüência de fábricas se instalando na cidade de Camaçari, levando ao crescimento e ao desenvolvimento do município de forma gradativa, tendo uma aceleração com a chegada das empresas do Complexo Petroquímico de Camaçari - COPEC.

²³ www.camacari.com.br/modelo_texto_fotos.asp?nivel=sb1&id=91 02/03/2004

²⁴ Martina Paulina de Jesus Alves. Depoimento citado.

Neste contexto, Camaçari vai crescendo de forma progressiva, no âmbito da economia, da política, saúde, nas questões sociais e dentre outros aspectos culturais. Na década de 1970 “*o tecido urbano está ordenado em quadras e praças destinadas ao comércio à habitação vertical, aos edifícios públicos e aos equipamentos gerais de transporte urbano e interurbano*” (Plano Piloto de Camaçari, 1975:16). Anteriormente, o desenvolvimento destacou-se em diversas áreas como nos afirma a autora Sandra Parente que na década 1936 “*o primeiro jornal da cidade, Folha do Subúrbio, de propriedade do poeta, escritor e jornalista Eduardo Cavalcante Silva*” (PARENTE, 2001: 37).

De passo em passo a cidade vai delineando a sua circunferência, e atraindo cada vez mais empresas e pessoas para nela ir trabalhar e conseqüentemente residir. É visível nas lembranças do Senhor Percílio Alves a presenças das empresas:

[...]Eu trabalhei na Santa Maria 1958 e aí comecei trabalhando lá e não consegui fazer alguma coisa por mim porque eu era de menor fui trabalhar na Céramus de ajudante de chapista²⁵.

A trajetória de vida do Senhor Percílio Alves nos permite perceber o grande significado que as presenças das fábricas no município expressaram em sua vida. As empresas chegaram lentamente no final da década de 1950, com fortes tensões sociais, uma vez que não se teve um debate com a comunidade para refletir sobre a implantação do Pólo, sendo necessário uma política de incentivos por parte administrativa.

A Céramus Bahia S/A, destacou-se como a segunda indústria instalada na região, mas atingiu porte de primeira na economia baiana. Diante do atual panorama o Presidente

²⁵ Depoimento fornecido por Percílio Alves, na sua residência Gleba A, em Camaçari, em 05 de junho de 2005.

Juscelino Kubistschek criou “GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste”²⁶. Instala-se um sentimento de necessidade em apoiar o trabalhador nordestino. Essa situação preparou o município de Camaçari para criar o 1º Plano Diretor do Estado da Bahia, fator esse que propiciou condições favoráveis para a instalação do Pólo Petroquímico da América do Sul.

A importância aos olhos do trabalhador, dessas fábricas, indústrias e olarias²⁷, foi para a ampliação das possibilidades no mercado de trabalho na região. Essas oportunidades ampliaram-se em especial para o Senhor Percílio Alves que nesse período ainda não possuía idade suficiente para exercer determinadas funções nas fábricas, porém acabou encontrando na Céramus Bahia S/A, um espaço para trabalhar.

“A expansão populacional e urbana de Camaçari está diretamente relacionada à implantação do II Pólo Petroquímico do país, que se efetivou em meados da década de 70” (NORONHA, 1983: 31). A acanhada cidade começa a ampliar seus passos e a modificar os horizontes com a chegada do Pólo Petroquímico de Camaçari. *“o Pólo chegou desconsiderando toda uma história de vida que existia antes”*²⁸. As mudanças que efetivamente ocorreram com a chegada do pólo mudaram a característica da cidade gerando um grande ciclo econômico até os dias atuais, a cidade não estava preparada para atender uma demanda de pessoas se deslocando para trabalhar em Camaçari. Esse grande contingente de pessoas gerou um desequilíbrio social.

²⁶ www.camaçari.com.br/modelo_texto_fotos.asp?nivel=sb1&id=91 02/03/2004.

²⁷ Olarias: Fábricas de tijolos, telhas, manilhas, louças de barro. (Minidicionário Luft. 16º ed. Editora Ática. 1999. p. 488).

²⁸ Sandra Maria Ribeiro Parente Soares. Depoimento citado.

“Os migrantes atravessam a cidade em muitas direções e instalam, precisamente nos cruzamentos, suas barracas de doces regionais e rádios de contrabando, ervas medicinais e videocassetes” (CANCLINI, 2000: 20). Pensar a cidade, no processo migratório, e nela os feirantes faz com que sigamos um desenho que circunscreve espaços por esses sujeitos sociais. A cada espaço ocupado, uma trajetória de vida, uma dinâmica peculiar no produto comercializado, assim como a clientela específica.

O fenômeno de migração é uma característica demográfica da cidade de Camaçari. Para eles que se destacam e representam uma participação maior no emprego industrial, também está presente no comércio informal.

Nos estudos de Raymond Williams sobre o “*Campo e Cidade na História e na Literatura*”, compreendemos a cidade como um espaço experimentado. Percebe-se então, a semelhança de como Camaçari vivenciou esse crescimento populacional devido à chegada do Complexo Petroquímico na década de 1970, o crescimento exorbitante, acentuando o contraste social. Segundo Fernando Braudel “*A cidade é matéria rural tomada de novo, modelada de novo*” (BRAUDEL, 1970: 431).

Assim,

[...] Os contrastes entre riqueza e pobreza não eram qualitativamente diferentes dos existentes na ordem rural, mas eram mais intensos, mais gerais e mais claramente problemáticos, devido a sua concentração na cidade que crescia febrilmente. (WILLIAMS, 1921: 203).

Nesse estudo abrem-se várias possibilidades para entender o desenho da cidade a partir dos mais diferentes caminhos nela encontrado. Tomando a feira como ponto de partida tem logo em sua frente à Rua Costa Pinto, que faz divisa com a Praça Desembargador Montenegro, outra zona bem específica do comércio formal de lojas, shoppings. A igreja matriz da cidade localiza-se nessa praça. No fundo da Feira temos a Rua Parque Central e os bairros da Gleba B, também conhecido como bairro da Bomba, localiza-se do seu lado esquerdo.

A Avenida Eixo Urbano Central que liga o bairro do Centro ao bairro da Gleba C, a mesma faz divisa entre o Mercado Municipal e a linha férrea que ligava os municípios de Salvador e Dias D'Ávila, hoje, nesses velhos trilhos ainda podemos encontra a Estação Ferroviária construída pelo “*Engº Lauro de Freitas*” (PARENTE, 2007: 13), constituindo-se um Patrimônio Histórico da Cidade, que durante muito tempo o trem contribuiu com o desenvolvimento econômico do município e era de grande serventia para transportar as mercadorias dos feirantes e da população vizinha.

A movimentação de produtos através dos trilhos permitia que os feirantes pudessem comercializar seus produtos, proporcionando neste local uma concentração de vendedores no espaço urbano da cidade. Assim, o autor Fernand Braudel quando afirma “*Mas toda cidade, seja ela qual for, é em primeiro lugar um mercado*” (BRAUDEL, 1970: 423). É devido à relação da feira com a cidade contribuindo no crescimento das cidades.

A História da cidade se volta para o progresso industrial com a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari (PPC), situado no município distando a quarenta e cinco quilômetros de Salvador. O Pólo chega ao final da década de 1970 já instalados com vinte

e sete empresas “*algumas destas já em operação nesse período*”²⁹ - e investimento inicial da ordem de US\$ 2,3 bilhões (Fundação CPE, 1990)”, (OLIVEIRA, 1999: 52). Nesse período, o país passava por muitas mudanças fundamentadas no discurso do “progresso” e da “modernização”, pretendia-se modificar a estruturar num modelo de produção integrada e inovador no âmbito nacional.

Na Bahia, podemos perceber o impacto produzido pelo movimento de modernização através, dentre outras coisas, do desmantelamento das estruturas oligárquicas, o aparecimento de instituições burguesas, como os Bancos e as Indústrias, e a urbanização das Cidades.

O Pólo é o maior complexo industrial integrado do Hemisfério Sul, contendo hoje mais de 60 empresas químicas, petroquímicas e de outros ramos de atividade como indústria automotiva, de celulose, metalurgia do cobre, têxtil, bebidas e serviços.

A Bahia apresenta-se com novas atrações de novos empreendimentos. O Pólo Industrial de Camaçari experimenta novo ciclo de expansão, gerando mais oportunidades de emprego para a população local e renda para o Nordeste.

A produção de automóveis pela Ford, e o Pólo de Camaçari, consolidam a trajetória de diversificação no Complexo Industrial ampliando as perspectivas de integração do segmento petroquímico com a indústria de transformação.

²⁹ Os primeiros projetos para a área onde posteriormente seria implantado o Pólo Petroquímico de Camaçari datam dos anos 60, como principais indústrias: Ciquine, Melamina (desativada em 1985), Cibeb, Copenor, Copeb (atual Fafen) e Fisiba (atual Sudamericana).

Na capital do Estado, o projeto de urbanização foi proveniente da necessidade de novos modelos adequados à produção e manutenção do capital. “*Não há uma cidade, uma cidadezinha que não tenha as suas aldeias, o seu pedaço de vida rural anexado, que não imponha ao seu <<termo>> as comodidades do seu mercado, o uso de suas lojas, dos seus pesos e medidas*” (BRAUDEL, 1970: 405). O alargamento das ruas, a construção de edifícios e condomínios residenciais e comerciais, que deram conta da nova organização social processada no século XX.

A implantação de um grande número de veículos automotores foi decisiva para a remodelação de ruas e avenidas do município. Mesmo assim, a cidade não perdeu seus elos de conexões com o mundo rural, visto que a feira é vivida em suas relações cotidianas e que mantém em movimento, uma vez que “*uma cidade deixaria de viver se não assegurasse mais os seus abastecimentos de novos homens [..]*” (BRAUDEL, 1970: 410).

O êxodo dos trabalhadores da zona rural para a zona urbana produziu a necessidade crescente de novos locais de moradia a um baixo custo e com o melhor aproveitamento possível do espaço urbano, daí a necessidade da construção dos condomínios viáveis para o acesso da classe trabalhadora.

Nos dias atuais a realidade se projeta com novos rumos:

O significado particular do espaço urbano de Camaçari se traduz no fato de que ele se destina principalmente às camadas mais empobrecidas da força humana de trabalho que participam de um mesmo ramo de produção. Isto se evidencia a nível dos documentos de planejamento urbano, quando se projeta a expansão populacional e sua

repercussão sobre a disponibilidade de habitações, os índices de fixação esperados para Camaçari são crescentes no sentido de mão-de-obra não qualificada ou dos estratos de renda mais baixos (NORONHA, 1983: 33).

Camaçari proporciona possibilidades de modificações, no seu espaço geográfico, econômico, social e cultural, recebendo o Pólo Petroquímico, tornando-se o centro industrial mais importante da Região do Nordeste. Recebendo um grande número de migrantes, multiplicando sua população e conseqüentemente suas necessidades.

Assim, nos depoimentos de Sandra Maria Parente:

[...] Então o pólo chegou, se instalou bem de repente, (...) esse Pólo chegou e ponto final. Não houve discussões na comunidade, não ficou tomando conhecimento de nada. Ele simplesmente chegou e com os rios, que era uma das grandes fontes de lazer e renda aqui em Camaçari, que era uma diversão tomar banho de rio. Os rios foram, se transformaram em esgotos, tanto doméstico como esgoto industriais, os as indústrias jogavam nos rios depois que foi que foi criado emissários submarinos na Cetrel. Da Cetrel é que esse esgoto está sendo canalizado pro mar, mas antes era descartados nos rios esses esgotos e hoje esgoto doméstico, quer dizer, aí começa as benesses que a cidade oferecia deixou de oferecer por conta da poluição do ar³⁰.

A cidade recebeu o Pólo e juntamente com ele houveram mudanças na economia assim como outras alterações para o município, mas o que nos remete as recordações da professora Sandra Parente é o grande desgaste ambiental que a região vem sofrendo e interferindo na constituição do viver.

³⁰ Sandra Maria Ribeiro Parente. Depoimento citado.

Na figura abaixo é possível perceber a dimensão das fábricas instaladas e que constituem esse espaço industrial:



Figura 05 - Pólo Petroquímico de Camaçari³¹.

A figura de parte do Pólo Petroquímico que visualizamos a cima é parte da sua tamanha dimensão: estrutural, geográfica, política e financeira, ele em sua estrutura é composto de:

Central de Matérias-primas, incorporadas à Copene - companhia petroquímica do Nordeste - processadora de derivados de petróleo proveniente da refinaria Landulfo Alves (RLAM) e outras fontes e fornecedora de produtos petroquímicos básicos para as demais

³¹ <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/divpol/nordeste/ba/apresent/index.htm>
29/08/2006

empresas instaladas no complexo industrial; Central de Utilidades, também pertencente à estrutura produtora da Copene e fornecedora de utilidades, tais como água tratada, vapor d'água, energia elétrica e gases industriais; Ceman-Central de Manutenção, empresa com participação acionária da Copene e voltada ao fornecimento de serviços de manutenção industrial a parte das empresas localizadas no Pólo; Cetrel - Empresa de Proteção Ambiental, originalmente ligada ao Estado e posteriormente privatizada, passando a ser controlada pelas empresas do Pólo, desempenha as funções de centralização do tratamento de resíduos industriais e outras voltadas ao monitoramento e controle ambiental. (OLIVEIRA, 1999: 52)

Dentre todos esses segmentos apresentados o Pólo Petroquímico de Camaçari (PPC) tem uma concentração de empresas de grande porte, com a produção voltada para mercados consumidores de outros Estados.

Ainda nos tempos atuais, *“O Complexo Petroquímico de Camaçari - COPEC continua sendo o maior empreendimento industrial, com 66 empresas em operação, responsáveis por quase 50% da oferta de produtos petroquímicos nacionais”* (CNI, 1999: 33). Diante desta situação, alguns feirantes vivenciam momentos de glória, outros alcançaram algumas vantagens consideráveis, principalmente através da facilidade de comercializar seus produtos, dinamizando a movimentação da feira.

A expansão do pólo gerou uma cadeia de empresas modificando a estrutura econômica da Bahia. Segundo NORONHA, *apud* BOLAFFI (1977) *“A casa própria, representa para as populações urbanas a principal aspiração das classes médias às camadas populares. A aquisição do imóvel residencial legitima um status social em*

ascensão, significando que aquele grupo familiar ultrapassou o limiar dos gastos de sobrevivência”.(NORONHA, 1983: 42).

De acordo com prefeito da década de 1960, Humberto Ellery, “*A implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari foi o fato mais importante para o Nordeste desde o descobrimento do Brasil*”³². Foi o início da geração de novas indústrias. Uma nova era da História Econômica da Bahia se constituía, não caracterizando demérito dos outros ramos desenvolvidos no município.

Com a implantação do Pólo Petroquímico do Nordeste, o município passou a afirmar-se economicamente, sendo que atualmente o setor industrial constitui-se numa afirmação econômica não só dele, mas de toda uma região do Nordeste.

Andando pelas ruas da cidade de Camaçari, podemos visualizar como a cidade cresceu nos últimos vinte anos. Segundo Fernand Braudel “*Toda cidade é, ou quer ser, um mundo à parte*” (BRAUDEL, 1970: 412). Camaçari é uma cidade com esse perfil, que deu um salto no tempo, deixando de ser a aldeia de veraneio, para ser uma importante cidade industrial da região Metropolitana de Salvador, sendo que o Pólo Petroquímico contribuiu para que aquela antiga fonte de águas cristalinas fosse assim reconhecida. Mas, também, modificou a vida dos moradores da cidade lentamente, sem pedir licença. Assim afirma Dona Martina:

[...] Já sofri muito com a própria pobreza de Camaçari, mas eu também hoje eu me sinto orgulhosa em ser filha daqui porque vim com seis

³² Camaçari Agora - Maio/Junho Edição Especial.

*meses mais vim pagã vim sem batismo vim pagã sem batizar hoje sou naturalizada aqui em Camaçari.*³³.

As lembranças de infância, que lhe remete as dificuldades do dia-a-dia são superadas pela relação estabelecida com a cidade adotada. Assim nos conta Dona Martina “*íamos buscar verduras lá nos Olhos D’Água porque não tem estrada daqui quem vai para Copene não existia aquela estrada era uma variante*”³⁴.

Tentativa de nos situarmos nos termos conceituais, a autora Margarida Ribeiro em suas reflexões sobre feiras medievais portuguesas nos coloca que “*a feira abastece uma determinada região, o mercado tem caráter local e limita-se, geralmente, à venda de produtos e de artigos de primeira necessidade*” (RIBEIRO, 1965: 02). Já a autora Virgínia Raul apresenta uma distinção entre feiras e mercados:

As feiras são um dos aspectos mais importantes da organização econômica da Idade Média. Nascida da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem do campo e da cidade, elas representam o ponto de contacto entre produtor e consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época em que a circulação das pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca segurança das jornadas” (1943. pp. 33) A feira é o centro do grande comércio que atrai os mercadores de países longínquos, corresponde a uma fase econômica mais evoluída e a sua importância depende da prosperidade do interior. O mercado tem apenas uma influência local ou regional. (RAUL, 1943: 57).

Referente às feiras livres e mercados pretende dialogar com a autora e identificar suas contribuições ao longo dos anos em diversas regiões, desta forma Jacques Le Goff

³³ Martina Paulina de Jesus Alves. Depoimento citado.

³⁴ Idem.

aborda que “*a atividade comercial das cidades manifesta-se a principio, nas feiras e nos mercados, seguindo toda uma hierarquia que vai do simples mercado <às vezes chamado feira>*”. (LE GOFF, 1992: 69).

Segundo Virgínia Raul “*Não há uma diferença essencial entre esses dois organismos centralizadores*”. (RAUL, 1943: 57). É complicado realmente definir onde termina a feira e começa o mercado uma vez que eles se misturam ao longo dos anos por conta de sua essência vital o abastecimento de produtos. Olhando bem essas instituições, nos dias atuais, estão sempre posicionadas ao lado do Mercado. Uma feirinha, mesmo que acanhada, possui uma organização interna mais complexa, uma lógica própria construída no fazer do dia-a-dia.

Tanto os mercados como as feiras contribuíram no abastecimento da cidade do Salvador no século XIX. Durante o período de 1500 a 1822 tivemos produtos de exportação bem definidos assim como: “*o pau-brasil, o açúcar, o ouro e os diamantes, o algodão etc.*”. (ANDRADE, 1979: 99). Produtos esses, que muito contribuiu para nossa economia.

Mas é preciso pensar de que mercado está tratando? Neste estudo debato sobre o mercado de trocas, que segundo a autora Kátia Mattoso “*várias são as funções de um mercado como o de Salvador, cuja vida econômica é essencialmente comercial, apesar das tentativas de “modernização” com o estabelecimento de atividades industriais que nascem sem prosperar, por volta da segunda metade do século XIX*” (MATTOSO, 1977: 239). É esse mercado de funções diversas na economia comercial, que a nível internacional influência a Bahia, mas que se depara com inúmeras dificuldades no abastecimento local e

na má distribuição de gêneros de primeiras necessidades e a difícil circulação das mercadorias e a manutenção de sua população que vem crescendo a cada dia.

Segundo Kátia Mattoso a Bahia também teve “*mercadorias importadas do sul (Rio Grande do Sul e São Paulo)*” (MATTOSO, 1977: 244), que contribuíram para o abastecimento da região durante todo o século XIX com produtos de grandes necessidades, caracterizando esse mercado em âmbito nacional. As dificuldades da circulação desses produtos de um estado para o outro são visivelmente percebidas devido ao seu meio de condução “*O transporte se faz nas costas dos animais, as mulas e as expedições que organizam formam verdadeiras tropas.*”. (MATTOSO, 1977: 244). Na linha de raciocínio da autora Margarida - a pecuária e a produção de alimentos no período colonial atendia a lógica do mercado, movimentando alimentos de primeira necessidade de forma a estabelecer como afirma Manoel Correia de Andrade:

[...] uma economia inteiramente voltada para um mercado distante, situado no litoral, para onde a mercadoria se autotransportava, em boiadas conduzidas por vaqueiros e tangerinos, por centenas de léguas. No percurso havia pontos de repouso e de engorda, pois a caminhada provocava uma queda de peso dos animais. Alguns núcleos urbanos hoje existentes, como Jacobina, se desenvolveram em virtude deste sistema de repouso dos animais. (ANDRADE, 1979: 103).

Essas trajetórias nos permitem perceber os entraves para o abastecimento dessa população e a formação da economia urbana, que se surpreende com a formação das cidades: “*Toda a cidade se desenvolveu num dado lugar, agarra-se a ele e não o deixa mais salvo raríssimas exceções*” (BRAUDEL, 1970: 420); elas vão crescendo de acordo com a movimentação de seu comércio local. “*... ao mesmo tempo em que alargam o seu*

âmbito comercial, as feiras e os mercados contribuem de forma notável, para o desenvolvimento e proteção da agricultura e do povoamento de certas regiões” (RIBEIRO, 1965: 10).

A produção de alimentos no Brasil colônia ampliou seus muros, não se restringindo apenas a um abastecimento local, cresceu de tamanha forma que *“a proporção que aumentava esse mercado e que dispunha de tropas de burros para levá-la até os centros consumidores do litoral e da mineração. Ela permitiu ainda o surgimento de vilas e cidades que, tendo fundamentalmente a função comercial e industrial”*. (ANDRADE, 1979: 106).

Estudando como as feiras e mercados se desenvolveram no período colônia do Brasil, e analisando esse fenômeno a partir das contribuições de estudos realizados sobre as feiras medievais, é compreender que esse processo se origina na reunião mercantil e a influência desta no desenvolvimento econômico e social das cidades, e em particular neste estudo a feira de Camaçari. A feira livre camaçariense também contribuiu nesse processo servindo de ponto de abastecimento da região.

A feira livre de Camaçari foi fundada em 1614 por Francisco Dias D’Ávila, denominada “Feira de Capuame”, comercializava os rebanhos trazidos de diversas regiões. Eles eram criados em instalações próprias. A feira originada desde o século XVII vem contribuindo e sofrendo modificações dentro do município até os dias atuais.

É possível perceber que o abastecimento nas regiões, no que se refere às feiras e mercados, que contribuíram na formação das cidades baianas, assim como os mesmo ainda

exercem determinadas funções caracterizadas do período medieval. “*Aliás, até o século XVIII, mesmo as grandes cidades conservavam atividades rurais*”. (BRAUDEL, 1970: 408).

Sendo assim, neste estudo tive a preocupação de compreender a forma que se constituiu essa reunião mercantil oriunda do período medieval e que ao longo do tempo contribuem para a formação das cidades. Neste sentido, estudar a sua influência, sua função no desenvolvimento econômico e social, as dificuldades enfrentadas pela má distribuição de renda e circulação das mercadorias, quais os produtos comercializados e os entraves em seu fornecimento, percebe-se a dinâmica de nossa primeira Capital.

Destaca-se a pecuária e a produção de alimentos como principais contribuições na formação das cidades, pois era uma economia voltada para o mercado distante, situado no litoral, em seu percurso havia a necessidade de pontos de repouso tanto para os vaqueiros como para o gado. O sistema de repouso de animais contribuiu para o desenvolvimento e formação de alguns núcleos urbanos, hoje existentes, e de grande importância para o desenvolvimento do Estado.

“*Um historiador tem razão em dizer que estas cidades são mais mercados do que cidades, diríamos antes feiras do que cidade*”. (BRAUDEL, 1970: 424). Particularmente a feira livre de Camaçari tem uma dinâmica dentro da cidade muito interessante, porque se pensarmos no seu crescimento gradativo, porém intenso nas décadas passadas, e analisarmos como ela movimentou-se dentro da cidade, é fácil compreender como a sua circulação contribuiu para a formação de praças, ruas, bairros e até mesmo a mentalidade do povo camaçariense ao longo do tempo. Portanto, não podemos renegá-la agora em

detrimento de outros espaços construídos posteriormente. A sua verdadeira importância enquanto espaço de lutas cotidianas que travou dentro do município.

Inúmeras são as histórias contadas acerca do surgimento da feira de Camaçari. Nas memórias dos moradores mais velhos ela teria passado no mínimo por cinco transferências até a sua instalação no local atual. Segundo o depoimento da Professora Sandra Maria Parente, podemos traçar a circulação da feira na cidade:

[...] primeiro foi atrás do Tribunal de Contas que onde foi a primeira prefeitura ali em frente à Estação da Leste, ali por trás a feira era pequenininha, era uma feira só de finais de semana. Os feirantes chegavam sexta-feira, tipo meio-dia, a feira começava as três pra quatro horas da tarde. Eles dormiam ali mesmo na feira ficavam, no sábado três horas da tarde vinham embora. (...) Depois saiu de lá de trás da prefeitura e ficou funcionou naquela curva da passarela do lado de cá do asfalto, funcionava ali. Eles botavam no chão, né. Pegavam a lona e colocavam ali mesmo não tinha ainda é, essas barraquinhas de feira, nada disso. Era tudo mesmo no chão e depois passou aqui pro canto do Unibanco.³⁵

A feira teve uma circulação intensa pela cidade que acabou contribuindo com parte desse crescimento. Podemos perceber que os lugares onde a feira esteve presente não se constituíram mais o mesmo lugar, exemplo disto é o local que foi reservado para funcionar a feira provisória entre os anos de 2000 a 2001, hoje, encontramos a recente construção “Casa do Saber”. Lá podemos encontrar várias atividades disponibilizadas para a população camaçariense, dentre elas: aulas de dança, natação, música, informática, e um amplo Teatro e muitas outras atividades culturais.

³⁵ Sandra Maria Ribeiro Parente. Depoimento citado.

As feiras e seus inúmeros negócios e tantos negociantes “feirantes” contribuíram para desenhar as curvas das cidades desde o período Medieval. De forma transitória, porém muito significativa, abasteciam determinadas regiões em períodos distintos de acordo com a dinâmica local. Observando a trajetória que Dona Martina fazia para adquirir produtos, os quais seriam comercializados no espaço da feira, é também entender um pouco da geografia do município.

No espaço da feira, o colorido e o cheiro são características desse espaço de cidade. Estamos no confronto dos temperos verdes com os incensos. São hortaliças das mais diversas e folhas entre outros artigos à venda. O forte cheiro dos incensos impregna o local, e os artigos utilizados para a limpeza do corpo, faz por si só uma forte propaganda dos produtos expostos, ao tempo em que dão ao local uma característica bastante própria. Associados a essa propaganda visual e olfativa ouvem-se os pregões dos vendedores locais.

Além de seu componente físico, o Centro Comercial e a feira livre, servem principalmente, como espaço para múltiplas vivências. Nas idas e vindas de pessoas e veículos constitui-se também no espaço de modos de vida e de trabalho construído culturalmente na cidade.

Na passarela, que liga a Rua do Centro Comercial, a esquerda circulam pessoas que vão para várias direções do centro: estudantes indo para lá no final ou no intervalo das aulas; aposentados que se movimentam até à Praça Desembargador Montenegro para reviver assuntos do passado e presenciar realidades do presente.

Foi na perspectiva da História Cultural, que a pesquisa esteve inserida no campo das abordagens sobre o cotidiano e a cultura experimentada e vivenciada na cidade.

Desse modo os trabalhadores da feira imprimiram suas marcas expressas numa linguagem cotidiana. Para tanto no capítulo posterior será explorado o que significa ser feirante no município de Camaçari.

CAPÍTULO II



Foto: 02- Rua Parque Central. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Brito. 15.08.2006).

A Cidade construída pelos feirantes e constitutiva de suas experiências

[...] Quando eu vim eu tinha já negociado fora antes comecei a negociar muito cedo então eu já vendi coisa né alumínio, tecido então de todos que eu me senti melhor foi mesmo tecido né porque verdura a gente perde muito né em oitenta setenta e oito mais ou menos foi muito bom ótimo para negociar e agora não to gostando muito mais não de negociar com verdura não tem saída antes tinha muita concorrência aqui mais hoje ta péssimo então agente vendia bastante tinha lucro e agora só perde né não tenho ponto agora to em banca do outros e antes eu tinha meu Box tudo funcionava vem e hoje e só perdendo o tempo mesmo.³⁶

Os depoimentos orais indicam complexas vivências desses trabalhadores. A trajetória de vida de Dona Maria Alice Romualdo, é muito delicada, em sua jornada de trabalho ela afirma que: “*não participei, porque tinha o meu cadastro velho*”³⁷. Feirante a mais de 25 anos, possuía cadastro de permissionária desde as gestões anteriores, ela era cadastrada na associação dos feirantes³⁸, e mesmo assim, não conseguiu um boxe na nova feira, hoje ela trabalha de favor na banca de sua tia Maria Araújo Cruz, ou até mesmo nas bancas de pessoas conhecidas, que alugam em período de viagem. Essa trabalhadora é casada com um feirante que também não foi contemplado, eles vivem na esperança de dias melhores.

Em seus depoimentos, seu sofrimento é nítido e fácil de identificar. Através das mudanças no decorrer do tempo e de sua caminhada na vida, quando chegou à cidade de Camaçari, ela não viveu momento de fartura. A dificuldade esteve sempre presente no seu lidar do dia-a-dia.

³⁶ Depoimento fornecido por Maria Alice Romualdo dos Santos. Na sua residência na Gleba B, em Camaçari me 03 de julho de 2002.

³⁷ Idem.

³⁸ Entende-se aqui sobre feirantes, aquele que estabelece uma rede de relações, hábitos e valores próprios de uma cultura popular devolvida desde as feiras medievais.

Os problemas em não conseguir um boxe levam Dona Maria Alice a pensar que:

[...] se fosse antes quando eu negociava todo mundo me conhecia (...) eu me virava e garantia alguma coisa (...) Antes foi bom demais, eu tinha meu cadastro, era associada, meu marido era associado, ai tudo corria bem.³⁹

O seu relato oral nos traz uma rica trajetória profissional instituidora de uma economia informal produzida pelos “feirantes”⁴⁰, e que se opõe à análise dos órgãos competentes que vão delineando um quadro de negligência por parte do Estado com este segmento informal. A dura realidade de Dona Maria Alice é o reflexo da má distribuição de boxes dentro da Nova Feira.

A feira, para estes trabalhadores, não se constitui apenas em um local de compra e venda, é, sobretudo, onde passam boas parte de suas vidas, como afirma a senhora Maria Alice Romualdo ao dizer: “*eu acho que pra mim viver só na feira*”⁴¹.

Apesar do horário de abertura da feira ser às sete horas da manhã, a grande maioria dos trabalhadores chegam ao local antes para organizar as atividades do dia. Da mesma forma acontece com o horário de encerramento, onde muitos costumam deixar a feira depois do horário de encerramento, que se dá às dezenove horas.

Mesmo estando a feira funcionando durante doze horas seguidas, boa parte dos trabalhadores gastam mais tempo dentro dela, evidenciando a importância do local para

³⁹ Maria Alice Romualdo. Depoimento citado.

⁴⁰ Feirantes, aqueles que vende na feira, aqueles que vai à feira. (Dicionário Prático Ilustrado p.388).

⁴¹ Maria Alice Romualdo. opus citatum.

suas vidas. É durante todo esse tempo que as pessoas passam a criar vínculo umas com as outras, formando no ambiente de trabalho uma convivência “familiar”.

Nesse estudo buscamos aprender dentro do possível, experiências do mundo, forjada cotidianamente nesse fazer do feirante. E, por meio de suas experiências, redescobrirem a cidade.

Ao analisar o cotidiano da feira implica em identificar as representações sociais e práticas culturais, constituídas neste espaço.

É flagrante, a inexistência de uma política social de desenvolvimento, com intuito de oferecer uma variedade de oportunidades nos serviços prestados no espaço da feira, e de garantir boxes aos trabalhadores antigos.

Entende-se que também os homens e mulheres das feiras analisadas tiveram e ainda tem papéis, atitudes e comportamentos sociais, culturais e historicamente caracterizados.

A prefeitura embora tenha oferecido cursos de manipulação, atrelado a um investimento na “tecnologia de ponta”, na preocupação de mudar a apresentação física da feira, na perspectiva de um ambiente limpo, atendeu a uma necessidade inerente das feiras livres, certo que, essas mudanças não interferiram apenas na forma física da feira, mas sim, dando-lhe uma nova roupagem. De certa forma, invadiram a privacidade dos trabalhadores que estavam acostumados com a vida que levavam em seus antigos boxes, criando, fazendo e experimentando o espaço da feira.

Diante de uma longa trajetória acadêmica, venho buscando a cada dia novas descobertas em torno do pensar histórico. Foi no contato com a Disciplina História Oral, que encontrei a possibilidade de respostas para o pensar histórico de uma longa e dedicada pesquisa. Dialogar com esta fonte me possibilitou uma análise em torno dos sujeitos sociais que dimensionaram e caracterizaram o Centro Comercial, hoje, atual Nova Feira de Camaçari.

São esses sujeitos, os feirantes, as peças fundamentais neste trabalho, pois impulsionaram e nortearam o rumo desta pesquisa, levando-nos a uma observação crítica aonde as suas falas vão dando o tom. Trata-se de um setor informal, tão diversificado que necessita diferenciá-lo em sua denominação.

Em suas recordações Sandra Maria Parente afirma:

[...] Os feirantes chegavam sexta-feira, tipo meio-dia, a feira começava as três pra quatro horas da tarde. Eles dormiam ali mesmo na feira ficavam, no sábado três horas da tarde vinham embora. (...) traziam de animais, no lombo dos burros, cavalos. (...) alguns traziam de caminhão, mas eram poucos. A maioria que não tinha recursos nenhum trazia no lombo dos animais⁴².

No fazer do dia-a-dia, no cotidiano do trabalho, os feirantes organizam o espaço da feira. É impossível não perceber ou até mesmo ignorar o seu caráter impactante, no processo de conquistar esse espaço com a presença de novos trabalhadores e a diversidade do comércio na feira. Mergulhar no cotidiano dos feirantes, também, possibilitou a entender melhor a cidade.

⁴² Sandra Maria Ribeiro Parente. Depoimento citado.

Nos relatos do Senhor Percílio Alves, percebemos a movimentação da cidade no processo migratório interligado a feira:

[...] a população foi chegando, foi chegando foi isso aí já era 1970, 72, 73 isso chegando, foi chegando foram apertando Camaçari mesmo de um jeito que fazia até de lona fazia os barracos até de lona dentro da feira na própria feira fazia as barracas de lona e foram apertando de um jeito que quem tava comandando tinha que fazer um espaço pra poder eles fazer alguma coisa que quem não quer arrumar mais vai fazer alguma coisa vai vende um guaraná outro vende uma roupa outro vende um sapato outro vende entendeu aí vai tocando fazendo Camaçari daquele jeito ali hoje em dia Camaçari ta com uma feira especial é um shopping⁴³.

A presença dos feirantes proporciona um novo significado na cidade, enquanto sujeitos constituídos e constitutivos desse espaço urbano, onde o seu fazer cultural apresenta-se em suas vivências sociais. “A feira era só um caminhozinho de formiga só ia até ali na farmácia do finado Camilo, aquelas casinhas de casoá desse povo de Monte Gordo”⁴⁴. Camaçari constitui-se, nesse sentido, numa referência do espaço como local de organização social, onde as estratégias de sobrevivência e de resistência das classes populares de outras regiões exprimem sua marca na pequenina feira da cidade.

“A feira foi transferida de uns quatro a cinco lugares até chegar o que é hoje”⁴⁵. A feira cresceu junto com a cidade, e com a construção da Nova Feira e do Novo Centro Comercial, fica claro perceber sua interferência na forma física da cidade, mas que em

⁴³ Percílio Alves. Depoimento citado.

⁴⁴ Depoimento fornecido por Maria Araújo Cruz, na sua residência em Monte Gordo, em 19 de maio de 2002.

⁴⁵ Sandra Maria Ribeiro Parente. Depoimento citado.

certas medidas modificou, invadiu a privacidade dos trabalhadores, que tinha uma dinâmica própria de trabalhar e já estavam habituados com a vida que desenvolviam nos seus trabalhos.

*“Então a firma de quem não tem estudo é a feira”*⁴⁶. As lembranças de Dona Maria Alice Romualdo sugerem uma batalha cotidiana no espaço da feira. Desse modo, é necessário ser sensível e perceber a difícil dinâmica de trabalhos realizados por esses feirantes, que de uma forma ou de outra, lutam cotidianamente pela sua existência na feira, meio as relações entre os setores formal e informal nas novas instalações.

O feirante é o trabalhador da informalidade, é pessoa que não têm acesso à educação formal (CEFET, SENAI e outros). São excluídos do processo industrializado do Pólo, onde a feira se constitui no único espaço de sobrevivência que eles têm.

A Senhora Maria Alice Romualdo acumula recordações de sua infância *“eu e minha mãe, nós colocamos barraca na feira, eu com oito anos de idade”*⁴⁷. Nas instalações da feira encontramos de tudo, trabalhadores de todas as faixas etárias, de ambos os sexos, alfabetizados ou não, com ou sem licença do órgão competente, das mais diversas culturas, estão presentes nos segmentos mais desfavorecidos do município.

⁴⁶ Maria Alice Romualdo. Depoimento citado.

⁴⁷ Idem.



Foto: 03 - Rua Parque Central. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 15.08.2006).

Analisando a foto acima se encontram parte dos serviços prestados na feira, mas nela encontramos os mais diferentes gêneros e serviços, dentre eles: frutas, verduras, grãos, calçados, roupas, cintos, sacolas, confecções, artigos de armarinho, fotógrafos de rua (antigo “lambe-lambe”) comidas, bebidas, flores, artesanatos, remédios (desde as folhas de banho até os de laboratório), tendo suas finalidades tanto para questões espirituais como físicas; embalagens, doces, balas, sorvetes, cocadas, bancas de revistas, salão de beleza, produtos de informática, peças para bicicleta, peixes, carne, enfim, tamanha infinidade de artigos, produtos e serviços, a exemplo da entrega das mercadorias no carrinho de mão, que se misturam as experiências diversas.

Para além desses produtos comercializados, dentre outros, se encontra na feira uma ala específicas voltadas para a “arte de curar”, várias pessoas de diversas classes sociais vão à busca das ervas medicinais, são: plantas, folhas, remédios feitos de raízes até mesmo o sal grosso tem sua serventia para curar os diversos males da alma e do corpo.

Nas conversas com a Senhora Carlinda Santos Anunciação ela afirma que:

[...] Desde que eu comecei a vida eu já comecei a trabalhar na raiz, nas folhas, nos ensinamentos e é uma coisa minha que já vem de nascimento é uma coisa que Deus me deu, foi dado por Deus⁴⁸.

Guiada pelo “Espírito Santo” essa simples mulher dedica-se a passar seus ensinamentos. Dona Carlinda Anunciação é conhecida como a “médica do povo”, ela no seu dia-a-dia indica, prescreve remédios, desde uma dor de barriga até as indisposições do amor, como ela afirma e nos ensina em seus depoimentos:

[...] babosa mesmo ela é boa para tudo até pro câncer babosa é boa, e as folhas pra tirar olhado explico é um pozinho que tem ai pra tirar inveja que tem assim o olho meio grosso (...) dor de barriga, usar estrelado e boldo (...) água que levanta coração marido leva mulher, mal amor dou remédio fica bom (...) aqui é uma farmácia natural (...) folha de capeba que é bom pra gordura no fígado⁴⁹.

Grande conhecedora das folhas, Dona Carlina indica: banhos, chás, infusões, pó e outros elementos da natureza. Seus fregueses ou clientes vão em busca de seus conselhos

⁴⁸ Depoimento fornecido por Carlinda Santos Anunciação, em seu Boxe 845 na feira em horário de trabalho, em Camaçari, em 13 de junho de 2007.

⁴⁹ Idem.

na perspectiva da “cura”, assim como os adeptos das obrigações religiosas que trazem suas listas, contendo uma relação de artigos e produtos prescritos para a realização dos rituais.

Nessa ala das “miscelâneas”⁵⁰, o colorido, o cheiro são características desse espaço singular nas feiras da cidade. O intenso cheiro dos incensos, as tonalidades das ervas e a luminosidade das velas, fazem por si só uma forte propaganda de um espaço diferenciado na feira. Ao mesmo tempo dão ao local uma identidade bastante peculiar, assemelhando-se a trajetória de vida aos demais feirantes e vendedores ambulantes que labutam nesse território diversificado que é a feira.

O tempo “*muito bom ótimo para negociar*”⁵¹, acentuado pelas memórias de Dona Maria Alice, é o final da década dos anos 1970. Com a presença do Pólo Petroquímico pulsando fervorosamente a economia local, atingindo diretamente a economia do Centro Comercial da cidade, onde muitos dos feirantes puderam estruturar-se de forma acelerada. Ao lembra-se desse tempo, muitos sentem uma enorme saudade e lembrança da época em que foi possível viver decentemente do seu trabalho.

Com a instalação do Pólo Petroquímico a cidade cresceu, modificou-se com a presença de novas pessoas. E a feira também passou a ser constituída por um universo muito heterogêneo de homens e mulheres que saíram de suas cidades de origem, onde desenvolviam alguma atividade com lucros não muitos satisfatórios para suas sobrevivências. Muitos deles acabaram trazendo consigo seus pertences e muito pouco dinheiro.

⁵⁰Entende-se aqui por miscelânea artigos utilizados para o cotidiano do candomblé como: (chifre de boi, folhas, ervas, galinha, carneiro, cágado, panelas de barros, potes, noz moscada, incensos, vela, charuto, contas, dentre outros artigos.)

⁵¹ Maria Alice Romualdo. Depoimento citado.

A presença dos imigrantes na cidade tencionou e proporcionou a realização de obras para acomodá-los assim, nos depoimentos do Senhor Percílio Alves, percebemos as mudanças ocorridas em função da chegada de migrantes e no crescimento da cidade:

[...] 69 né e aí já começou o movimento de Camaçari de peão e puxa peão pra lá (...) a população foi chegando, foi chegando foi isso aí já era 1970, 72,73 isso chegando, foi chegando foram apertando Camaçari mesmo de um jeito que fazia até de lona fazia os barracos até de lona dentro da feira na própria feira fazia as barracas de lona e foram apertando de um jeito que quem tava comandando tinha que fazer um espaço pra poder eles fazer alguma coisa⁵².

O crescimento da cidade de Camaçari acarretou inúmeras transformações, na cidade e na forma de viver das pessoas segundo os depoimentos do Senhor Percílio Alves “*eu fui criado com minha avó e ela fraquinha mesmo, e não tinha condições de me dar estudo de jeito nenhum, mesmo do governo eu tive que parar três dias na semana pra ganhar o dinheiro de comprar ou o bacalhau ou a carne de sertão que era o que rodava aqui na nossa região*”⁵³, através desses relatos podemos ter um resumo da população de Camaçari naquele período, as dificuldades vividas, a transferência dos estudos pelo trabalho na perspectiva de sobrevivência.

A feira passou a ser constituída por um universo muito heterogêneo de homens e mulheres que saíram de suas cidades de origens onde desenvolviam alguma atividade, com lucros não muito satisfatórios, a procura de melhorar a sua sobrevivência. Muitos deles acabaram trazendo consigo seus pertences e muito pouco dinheiro. Durante a longa caminhada, constituíram famílias, ficando cada vez mais irreal alimentarem-se de tão

⁵² Percílio Alves. Depoimento citado.

⁵³ Idem.

pouco. São pessoas simples, de vida sofrida, que vêm na feira uma atividade como meio de sobrevivência. Na busca incessante para o sustento, levaram muitos deles a desenvolverem outras atividades paralelas junto ao trabalho árduo que desenvolviam na feira.

O depoimento de um deles, Antonio Charles, é contundente:

[...] Antonio Charles esse nome eu adquiri em Minas onde estudei nas escolas Reunidas Antonio Catulé em Janaúba, eu fui o Corveiro, estive em Corinto, Sete Lagoas Diamantina e nessa minha andança já não foi ao lado de meu pai, meu pai ficou aqui na Bahia e Eu andava com minha mãe, A minha mãe era cartomante, ela fazia previsões, então tive a oportunidade de fazer vários Estados com minha mãe, daí para cá sempre onde nos chegávamos eu e minha mãe Eu sempre que estudava, mas agora é parte que Eu aprendi foi com ela própria que ela era professora e, de colégio pouco tempo eu freqüentei, mas esse pouco tempo eu adquiri uma experiência muito vasta que eu cheguei a cursar o segundo grau e através desse segundo grau eu venho de lá para cá sai da escola e tal porque eu tenho aprendido é com o dia-a-dia é com o povo⁵⁴.

Em seus relatos aponta uma parte da trajetória de sua vida até a chegada na feira e os motivos que o levaram até ela. Ao longo desse percurso é possível perceber as dificuldades e as conquistas que ele passou, evidenciando uma luta cotidiana.

A chegada desse trabalhador no espaço da feira se dá por diversos fatores: alguns foram levados pelos pais, desde novo, para ajudar na feira, sendo vistas como mão-de-obra familiar, ou oferecer os serviços na feira; alguns mal sabem escrever o nome e por conta

⁵⁴ Depoimento fornecido por Antonio Carlos Pereira Filho, no seu estúdio na feira, em Camaçari, em 16 de abril de 2002.

disso não conseguiam outra coisa, a não ser vendedor na feira. Boa parte dos feirantes passa por essa situação. O aprendizado desses homens é muito mais nas suas experiências, nas escolas da vida, como o Senhor Antonio Carlos Pereira Filho deixa transparecer em seu depoimento, as contribuições das relações com diversas culturas no decorrer de sua caminhada ao lado de sua mãe. Esse contato com o povo lhe permite até os dias de hoje uma rica experiência com o mundo.

Assim, como ele, existe outros casos de homens e mulheres trabalhadores que optaram em complementar a sua renda no espaço da feira, embora tivesse uma profissão.

Nem só de trabalho vivam os feirantes de Camaçari. De uma forma ou de outra, o feirante seja ele fixo ou “móvel” na feira, está sempre buscando uma forma de garantir o mínimo de sobrevivência para si e para seus dependentes. A Rádio da feira comandada pelo radialista Charles Publicidade, nome adquirido na profissão e bem relacionado e conhecido entre os feirantes, é também outra forma de ajudá-los, pois é através dela que eles divulgam seus produtos oferecendo preços mais baixos e vantagens de levarem mais produtos para casa. A rádio funciona na feira desde quando era Praça Desembargador Montenegro.

Hoje, o acesso e a estrutura da rádio são invejáveis. Muitos radialistas queriam ter uma comunicação direta com a população, garantindo diariamente uma função social. O serviço de alto-falante ganha uma dimensão dentro da feira, sendo esse responsável pela seleção e difusão das notícias locais, gerando um mecanismo muito importante, uma vez que esses trabalhadores passam partes de suas vidas na feira.

O prédio da Rádio serve ainda como ponto de referência, para crianças perdidas, encontros de parentes, etc. Ainda disponibiliza os serviços de achados e perdidos de documentos, publicidades de artigos da cidade dentro e fora do espaço da feira e solicitação de ajuda para feirantes em dificuldades.

A opção pelo mercado informal é apresentada como uma válvula de escape para que estes homens, pais de famílias trabalhadores do mundo possam estar inseridos no mercado de trabalho, na condição de fazer parte de um grupo específico da população economicamente ativa. A esperança de ter um ponto direciona os planos da depoente Senhora Maria Alice:

[...] Eu acho que sim né vou trabalhar confiante que é meu né porque ali eu to trabalhando sempre eu penso assim se tia Maria chegar aqui e falar eu quero a minha barraca eu vou fazer o que com a mercadoria aí vai ou não vai aceitar lá fora quem tem suas barracas não vai dá pra colocar né então eu vou ficar como sem trabalhar perder a mercadoria então eu nunca trabalho sossegada eu to ali tia Maria chega eu penso assim Maria vai me pedir a barraca o que é da gente é da gente o que é dos outros a gente não pode confiar⁵⁵.

Fica claro no decorrer do depoimento da Senhora Maria Alice que, mesmo diante de tantas dificuldades e o risco de perder suas mercadorias, para ela, a sua presença na feira desenvolvendo um trabalho, ainda é uma forma eficaz de garantia a sua sobrevivência. Em seus pensamentos reconquistar o boxe para desenvolver suas atividades na feira, ainda não saiu de seus pensamentos. Embora a realidade de Dona Maria seja um problema que será

⁵⁵ Maria Alice Romualdo dos Santos. Depoimento citado.

concretizado quando a mesma conquistar seu próprio “boxe”, difere-se muito do que podemos perceber em outros setores de trabalho na feira.

Para outros feirantes ter um boxe, não representa seu espaço de trabalho definido e estruturado, pois dentro da Nova Feira surgem novas outras dificuldades, como é o caso da situação dos cerealistas, que estão localizados no fundo da Cesta do Povo. Os comerciantes de cereais têm que lutar cotidianamente com o processo esmagador do setor formal que cresce de maneira desproporcional, esse isolamento de algumas atividades ao exemplo dos cereais, inviabiliza o seu crescimento, permitindo que a renda média desse segmento dos feirantes fique atrelada a evolução da renda do setor formal.

A dinâmica da economia informal praticada pelos feirantes da Nova Feira de Camaçari não se tem um diagnóstico preciso, uma vez que as fontes sobre a cidade estão centradas no Complexo Industrial é o que se apresenta a respeito da feira até então é muito pouco diante do universo que se tem a avaliar. Mas, o que foi possível perceber que mesmo com o rolo compressor por parte dos poderes competentes, o feirante vem ocupando o seu espaço.

Caminhando pelos espaços da feira, num local que circulam multidões, é possível vislumbrar como esses seres humanos, homens, mulheres e crianças, dentre eles muitos jovens e idosos, são cheios de esperança em si e no trabalho, constituindo, a alma da cidade, sejam eles pedestres, feirantes, ambulantes, cujos corpos preenchem um vazio

urbano com conhecimentos imensuráveis, contribuindo no desenho da cidade habitada, construída no dia-a-dia, formada em fragmentos de “*agoras*”.⁵⁶

⁵⁶ BENAJMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 5º ed. São Paulo. Editora Brasiliense - Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. *O Narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskoviense* (Obras escolhidas, v. I) 1995. p. 206.

CAPÍTULO III

Mudanças e Trajetórias

As feiras se constituem como centros de trocas de mercadorias durante muitos anos em diversas culturas do planeta. Sejam elas permanentes ou fixas, funcionam no abastecimento de gêneros alimentícios da cidade, fornecendo produtos essenciais à vida humana, além de desenvolver paralelamente um encontro diário entre trabalhadores e consumidores, constituindo laços de relações entre si.

Certamente, estudar a feira é compreender as reflexões acerca das sugestões da Organização Internacional do Trabalho (OIT). No final da década de 60, período que deu origem a um programa de estudo denominado Programa Mundial de Empregos (PME), com a finalidade de avaliar a dinâmica de emprego e da renda nos países em desenvolvimento e naqueles em que o estado havia implantado um processo de industrialização.

A feira livre de Camaçari, já representou um palco para diversas manifestações culturais e seus personagens: *“o mercado também funcionava como clube, e nos dias de festas, os freqüentadores arrastavam para os lados todos aqueles sacos, abrindo espaço para o dancing. Os feirantes criaram o Baile da Jega”*, (PARENTE, 2001: 148). Além de seu caráter econômico forte, a feira apresentou características peculiares no que tange a cultura, caracterizando um aspecto singular da cidade.

Essas peculiaridades que se perderam no espaço da feira nos permitem entendê-la como um espaço plural, onde sujeitos reais, grupos e indivíduos constituem nesse espaço inúmeras situações, como uma verdadeira explosão de diversas manifestações culturais. Mas, essas riquezas culturais particularizavam a feira dando um toque especial à cidade de

Camaçari. Essas manifestações não mais se encontram do mesmo modo no espaço da feira, pois se perderam no tempo.

Tempo esse que ainda vive nas lembranças e memórias daqueles trabalhadores que fizeram à feira. Muitos não reconhecem a atual realidade da feira que se transformou num ambiente promíscuo. O que é visto nos dias atuais são meninas que disputam esse espaço na perspectiva de sobrevivência usando seu corpo. A prostituição de adolescentes denominadas “sukita”⁵⁷ e a quantidade existente de bares na feira, faz com que esse segmento utilize essas mulheres como atrativo de lucro, gerando uma disputa nas praças de alimentação. Esse fenômeno mostra-se dramático aos olhos da sociedade.

Na ótica dos dirigentes, as perspectivas, seguindo o Manual do feirante são:

*“Estamos entregando ao povo a Nova feira de Camaçari. É um sonho que se transforma em realidade. (...). Lembro bem que na campanha de 1996, assumimos o compromisso de construir uma Nova Feira com mais conforto, segurança e qualidade.”*⁵⁸.

A preocupação com as condições higiênicas do comércio alimentício de Camaçari, iniciou numa campanha no ano de 1996, com o discurso de modernizar o visual da feira. Caminhando nessa perspectiva acontece o processo de cadastramento e se finda na inauguração do novo espaço.

No entanto, esse discurso de mudanças, assemelha-se ao discurso do progresso e do industrialismo, concretizando o enrijecimento e o condensamento da feira livre, como anti-

⁵⁷ Sukita: é uma terminologia utilizada por homens que circulam na feira, que caracteriza mulheres de programa, que tem a função de atrair clientes para os bares.

⁵⁸ Manual do feirante. 2001. p. 01.

higiênico, poluidor, possuidor de um cheiro peculiar e inconfundível, considerando sua estrutura na época medieval.

A preocupação com as condições higiênicas do comércio alimentício da feira, não é uma preocupação nova. Esse discurso enraizado de muitas características do higienismo do século XIX propõe uma outra perspectiva de higienização para o século XX, pautado num discurso de limpeza para as feiras livres, organizando seu espaço para melhor enfrentar o mau cheiro.

Tudo aponta para um panorama de intenso movimento da urbanização, tendo as tradicionais feiras como obstáculo/problema a ser resolvido sobre o lugar da feira nas cidades. O autor Miguel Santos afirma que essas feiras “*constituem importantes fenômenos para entender a organização do espaço urbano regional e, no entanto, são pouco estudadas*” (SANTOS, 2002: 53).

Em Salvador na década de 1960, por exemplo, jornais noticiavam que:

[...] proliferam as feiras, variando suas dimensões, mas uniforme num ponto: permanentes, sujas, com barracas que vendem frutas, carnes e outros alimentos servindo também de dormitório. (...) cada bairro por mais distante do centro, conta hoje, com açougues, mercearias e outros estabelecimentos que oferecem condicionamento, segundo os melhores padrões de higiene. O que não evoluiu foi a maneira de encarar o problema, permitindo que uma tolerância ilimitada tornasse possível a existência e desenvolvimento de um comércio marginal, incapaz hoje de responder às necessidades de consumo de uma cidade moderna⁵⁹.

⁵⁹ Jornal A Tarde 01/07/1963. p. 02.

Em Camaçari, se tem uma preocupação diferenciada, estando mais voltada para a modernidade do espaço da feira, uma vez que a mesma permanece no mesmo local. Não podemos deixar de atentar para o fato de que *“Como as feiras livres são atividades periódicas e com maior facilidade de locomoção, constituem o alvo para a reorganização espacial.”* (SANTOS, 2002: 56).

Sendo assim, a realidade do município de Camaçari não fica muito longe do Programa Mundial de Empregos - PME, uma vez que a feira livre apresenta uma economia paralela a uma política voltada para as grandes indústrias a exemplo do Pólo Petroquímico e o Complexo Ford.

As mudanças do espaço físico da feira livre e do Centro Comercial, não ocorreram de forma pacífica, gerando conflitos e negociações entre feirantes e a Prefeitura Municipal de Camaçari.

A proposta dos reformadores era a destruição do antigo mercado e da feira livre, realizando a construção de um novo prédio, mais amplo e com infra-estrutura sanitária. Por isso, iniciou-se a construção da feira provisória para alojar esses trabalhadores conforme fotos abaixo:



Foto: 04 - Construção da Feira Provisória (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998).



Foto: 05 - Construção da Feira Provisória (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998).

A foto nos possibilita visualizar o que foi feito enquanto a transferência para o novo espaço não se concretizava. Os feirantes foram transferidos para a feira provisória. Nesse

período em que os trabalhadores foram relocados para a feira provisória no final de 1999 e início de 2000, também se iniciou uma batalha de disputa pelo território em busca da conquista de um boxe através do cadastramento realizado no ano de 1998 para alojar os trabalhadores na Nova Feira.

Ainda assim, a prefeitura transforma a realidade do feirante através do cadastro realizado, de modo que, encontramos no Manual do Feirante detalhes de como trabalhar na Nova Feira:

Através de um decreto assinado pela Prefeitura de Camaçari, o feirante cadastrado pelo Poder Municipal, através do termo de Permissão, já pode utilizar banca ou boxe na Feira. Será dado apenas um Termo de Permissão para cada feirante, que deverá estar sempre visível em sua banca ou boxe, e somente o feirante cadastrado poderá usá-lo para sua atividade⁶⁰.

O feirante no passo que se cadastrava acabava tornando-se um locatário. O locatário em suas atribuições era o proprietário da banca de acordo com a Administração da época. O comerciante dos boxes deveria estar sempre presente em seu estabelecimento. Este ano (1998) representa um período de intensas disputas entre trabalhadores e poder público, uma nova jornada apresenta-se para os feirantes, aos poucos o feirante vai implantando seu ritmo.

O manual esclarecedor da prefeitura entende o feirante como um simples locatário que está ali comercializando os seus produtos e que a qualquer momento vai encerrar suas atividades. Isso é uma constante, após a mudança, quando muitos feirantes abandonaram a

⁶⁰ Manual do feirante de Camaçari. 2001. p. 10.

Nova Feira de Camaçari, foram em busca de outras atividades, já que a cidade não mais lhes oferecia e nem criava alternativa para mantê-los dentro do município.

As principais preocupações na visão administrativa da feira se concentravam nas informações do crachá de uso obrigatório do feirante, no cumprimento do horário e na manutenção da limpeza.

Segundo o crachá na figura abaixo:

The image shows two versions of a trade fair identification badge (crachá). The left badge (Figura 06) is a blank form with a blue background and white text. It features the logo 'Nova Feira de Camaçari' at the top, followed by the word 'CRACHÁ' in large letters. Below this are four horizontal input fields labeled 'Permissionário', 'Nº de Série', 'Nº do Box', and 'Atividade'. At the bottom, it says 'A NOVA CAMAÇARI É o povo que faz'. The right badge (Figura 07) is a filled-out version of the same form. It includes the same logo and 'CRACHÁ' text. The input fields are filled with text: 'Identidade', 'CPF', 'Título Eleitoral', 'Zona', and 'Seção'. Below these fields is a warning: 'Não é permitida a venda, transferência ou aluguel deste equipamento sob pena de anulação do ato e desativação do ponto.' At the bottom, it says 'Prefeitura Municipal de Camaçari' and has a signature. On the left side of the right badge, there is a vertical text: 'IDENTICARD - 71 9832-5806'.

Figura 06 e 07: Crachá cedido pela Administração da Feira.

Nas figuras acima identificamos elementos no intuito de normalizar e padronizar a feira, perdendo de vista as relações estabelecidas pelos feirantes.

O complexo tecido no qual esse segmento social participa constitutivamente é também indicado pelas preocupações do executivo municipal.

Segundo o prefeito José Tude:

Ao todo, estão sendo ministrados sete cursos diferenciados cerca de 300 feirantes que estão aprendendo noções de associativismo, festão de negócios, higiene e manipulação de alimentos, comunicação social, formação de preços, entre outros. Com a chegada da Ford, de outras empresas e a ampliação do pólo petroquímico, Camaçari tem experimentado um crescimento espetacular, mas toda a mão-de-obra disponível pode ser absorvida pela indústria, daí a necessidade de se formentar outros setores da economia⁶¹.

A prefeitura ao extinguir o antigo espaço da feira livre, e investir na qualificação dos trabalhadores, criando a Nova Feira, preocupou-se em reverter o quadro da economia local, dando uma nova guinada na política e interferindo na morfologia da cidade, dando de certa forma, um novo sorriso num discurso de “modernidade” já abordado neste estudo.

Para todos aqueles que vêem de forma simplificada este tipo de atividade do comércio, de certa forma perdendo de vista sua dinâmica, sua essência, que vai muito além da arrumação e exposição de produtos, na construção e reconstrução dos sujeitos históricos no cerne de processos culturais específicos. Não restam dúvidas que aqueles pontos são muito importantes. Mas, é preciso se pensar que por trás de tabuleiros de verduras, peixes ou carnes, existem ambulantes, feirantes ou trabalhadores que se relacionam, e que suas vendas ou transações ultrapassam as compreensões limitadas que olham o cotidiano restrito do mercado do ponto de vista das suas atividades comerciais simples. Por um lado, podemos observar aquilo que Santos afirma ao lembrar que “As atividades comerciais

⁶¹ Jornal Correio da Bahia, 02/01/2002. p. 02.

registradas e com pontos fixos, daí a sua formalidade, merecem destaque principalmente no que se refere ao tipo de produtos comercializados e ao raio de influência na região” (SANTOS, 2002: 42).

Os diálogos estabelecidos sejam no interesse em saber de onde vem o produto ou na barganha do produto caindo na pechincha, ganham importância social, além de referir-se ao poder de argumentar melhor. Esses encontros é uma verdadeira explosão cultural e particularmente de entretenimento popular que estão sendo re-configurados diante das necessidades da feira, fazendo frente à “modernidade” em Camaçari, e que acabam por fim condicionando modelos de gestão diante da tão complicada relação de poder, mas conservando muitos de suas experiências.

Segundo Dona Carlinda Anunciação:

[...] A feira de Camaçari era muito pobrezinha e a barraquinha era feira da terra não tinha prédio não tinha nada (...) feira começou de um nada a feira de Camaçari era na terra botava lona no chão e todo mundo vendia a suas coisinhas (...) barraquinha de lona no chão foi trocada umas cinco a seis vez pra poder fazer aqui⁶².

Como afirma, dona Carlinda, em seus depoimentos questões relevantes a feira, percebemos em seus relatos que a feira circulou pela cidade até a chegada do novo espaço, nesse período de transição nova, porém provisórias instalações foram construídas para que os feirantes pudessem aguardar a construção da nova feira sem a perda de suas mercadorias, mas nem todos foram contemplados com boxes e até mesmo barracas

⁶² Carlinda Santos Anunciação. Depoimento citado.

provisórias, desta forma, a foto a seguir, descortina uma realidade que vai perdurar por muitos anos, uma vez que é nítido o início da “marginalização” dos trabalhadores. Ao redor da nova construção, diversas barracas eram erguidas diariamente para garantir o sustento de famílias, famílias que ainda hoje, em 2007 lutam por um espaço para vender seus produtos na nova feira, como observado na foto abaixo.



Foto: 06 - Construção da Nova Feira (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998).

A distribuição dos boxes se deu através do processo de cadastro, onde cada feirante deveria ser beneficiado com apenas um boxe. Fato que não ocorreu, pois se encontram feirantes com mais de um ponto de comércio, e uma grande parcela que não foi contemplada no período de inauguração.

Em 26 de setembro de 2001, juntamente com homenagens e festejos, os feirantes receberam a Nova Feira, juntamente com um termo, permitindo o uso do espaço, tornando-

os locatário do Centro Comercial, que no calor de suas mudanças, já previa em sua inauguração horários de entrada e saída da feira, fixado das 7:00h da manhã as 19:00 horas, medidas para o carregamento de mercadorias para o abastecimento local dos trabalhadores, pagamentos de taxas, dentre outras atribuições. Desta forma, além dessas obrigações, os feirantes estavam sujeitos a proibições estabelecidas pela Administração. Muitos trabalhadores viram suas vidas tomar novos rumos e por não conseguir adequar-se a esse novo padrão, alguns encontraram a solução mudando de atividades.

Com as novas instalações, mudanças ocorreram no cotidiano dos feirantes. Levando aos mesmos a adequar-se ao novo padrão de trabalho na feira.

Uma posição defendida no Manual procura disciplinar a feira. Em suas palavras, parece que tudo fica muito claro:

Fica proibido em áreas externas aos boxes e às bancas, e em área de circulação: instalar qualquer tipo de equipamento comercial; colocar cestos, balaios, caixas, caixotes, ou quaisquer outros objetos ou equipamentos; lavar, consertar ou pintar qualquer tipo de equipamento ou utensílio, lavar ou escoar água de lavagem das mercadorias ou da área interna dos boxes ou das barracas; permitir que pessoas desocupadas se instalem nas áreas comuns do Centro Comercial de Camaçari para qualquer fim. O que estiver no limite de sua banca ou boxe é de responsabilidade do feirante, que fica proibido utilizar sua banca como moradia, ainda que temporária. Caso isso aconteça, o feirante poderá ter o seu termo de Permissão cassado. Fica proibida, também a presença de vendedores ambulantes nas áreas internas ou externas da Nova Feira⁶³.

⁶³ Manual do Feirante de Camaçari. p. 10 e 11.

Os administradores de Camaçari buscavam abolir formas tradicionais do comércio, preocupados com a higiene local, sendo que na prática não aconteceu uma vez que os feirantes estavam espalhados em cubículos, boxes e bancadas que foram projetados em tamanho reduzidos e não atendiam a demanda do feirante no armazenamento e exposição das mercadorias. Além desse problema de espaço físico, eles convivem com a falta do abastecimento de água, umidade e condições absolutamente condenáveis de exposição de produtos. Porém, os feirantes resistem.

Convivendo com espaços muito pequenos o feirante se vê obrigado a colocar suas mercadorias fora das limitações do boxe ou bancadas, levando a alguns a exporem suas mercadorias em carrinhos de mão e outros até mesmo a ampliar suas instalações com novas construções como observamos nas fotos abaixo:



Foto: 07 – Mudanças nas barracas da Nova Feira de Camaçari. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 13.06.2007).



Foto: 08 – Mudanças nas barracas da Nova Feira de Camaçari. (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 14.05.2007).

Ao analisarmos as fotografias, percebemos que as mudanças ocorridas nos boxes caracterizam-se como forma de resistência do feirante, no intuito de manter-se no espaço da Nova Feira. Obras de remodelações, novos boxes ao lado, fazem com que o feirante busque o acréscimo de suas instalações gerando uma nova paisagem na feira.

O que se pode observar é que a feira de Camaçari modifica-se constantemente. Ela tem ao menos duas “funções” visto que aos sábados cresce para fora se adaptando a novos feirantes, trabalhadores oriundos dos distritos vizinhos (Cordoaria: que desenvolve o fabrico de farinha, constituem nas quintas-feiras na frente da prefeitura e nos finais de semanas, que se dividem entre o bairro da Gleba E, e na Nova Feira, Lodão, Areias, Monte Gordo, Parafuso e outros). Eles se acomodam na área de descarregar mercadorias, na lateral da Nova Feira, gerando uma nova dinâmica na feira.

Neste sentido, notamos múltiplos interlocutores e seus diferentes discursos, pois como Lúcia Oliveira conclui:

Cada grupo, categoria social, instituição, atividade, e mesmo cada indivíduo, dispõe de um discurso diferenciado por meio do qual dialoga com discursos produzidos por outros interlocutores. É precisamente a relação entre esses discursos que nos constitui como sujeitos. É por seu intermédio que elaboramos nossas formas de autoconsciência individual e coletiva. (OLIVEIRA, 2002: 110).

A visão dos Administradores para a feira livre, era de melhorar a sua realidade. O discurso produzido por eles, refletia os anseios de mudanças administrativa na feira, assim como, aborda a autora Lúcia Oliveira nos seus estudos.

Atualmente a administração da feira tem uma preocupação voltada para o desenvolvimento econômico e social dos feirantes. A mesma opta em buscar parcerias com outras secretarias para amenizar o sofrimento desses trabalhadores.

Como podemos perceber nos depoimentos do Administrador Humberto Leite:

[...] a feira vinha passando por um momento como todo o município com um momento de transição. (...)o prédio hoje existente a visão dos administradores que idealizaram a construção da feira e merece parabéns, agora nós temos muitos problemas estruturais primeiro que o prédio foi concebido pra ser o Centro Comercial e pra acolher pessoas que trabalhavam numa feira livre então a transformação do espaço de feira pra Centro Comercial não contemplou as pessoas né as pessoas não foram preparadas pra se tornarem comerciantes de um Centro Comercial né então por exemplo nós temos problemas sérios aqui de energia elétrica nem todos os feirantes tem pontos de energia elétrica

mais o pessoal de hortifruti por exemplo ele precisa pesar a mercadoria e hoje em dia nós estamos na era da eletrônica, nós não temos mais aquelas balanças convencionais as balanças hoje são todas eletrônicas então os feirantes de hortifruti granjeiros eles foram obrigados a fazer ligações elétricas clandestina e isso compromete até hoje a rede elétrica do Centro Comercial eles não tem por exemplo um ponto de água um ponto de hidráulica dentro do boxe dele para eles lavarem as mãos, né até para eles até lavar uma fruta um legume uma verdura que o cliente queira provar degustar ali na hora ⁶⁴ .

A administração ciente dos problemas compreendeu o equívoco cometido e estão tentando utilizar uma outra forma de intervenção. Estão buscando outras possibilidades, no intuito de reparar esses equívocos cometidos.

A exemplo disso são as permissões dadas aos feirantes de modificar seus boxes e bancadas. E para muitos que não foram contemplados, a alternativa da feirinha aos sábados na parte lateral seria a solução encontrada até a conclusão das novas instalações.

Muito provavelmente, a construção do Novo Centro Comercial e da Nova Feira, deve-se a tentativa de organizar à antiga feira, como relata o Senhor Humberto Leite.

As imagens fotográficas abaixo, mantidas no acervo da Prefeitura, sinalizam essa necessidade de mudança.

⁶⁴Depoimento fornecido por Humberto Leite, no seu escritório, dentro da feira, na sala da Administração, em Camaçari no dia 24 de novembro de 2005.



Foto: 09 - Feira Antiga (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998).



Foto: 10 - Feira Antiga (Fotografia do Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari, 1998).



Figura: 08 - Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria.

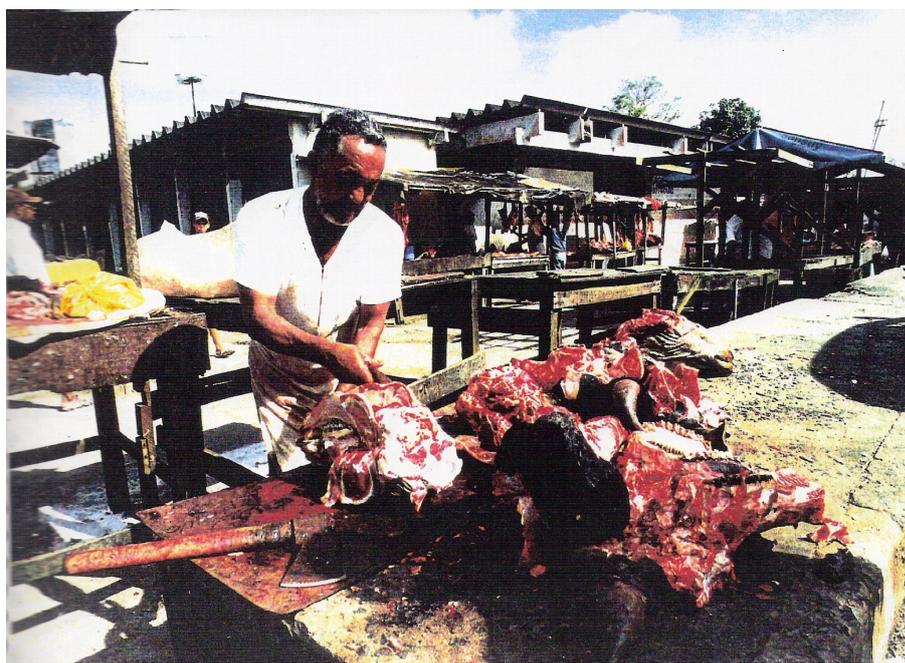


Figura: 09 - Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria.

As fotos e figuras acima, expressam a desorganização e a falta de higiene em meio a boxes, barracas e mercadorias expostas ao chão, gerando o fortalecimento do discurso

daqueles administradores que pretendiam e tinham como meta a transformação do Centro Comercial (cujo prédio do Mercado Público Municipal foi erguido em 1975, possível de ver na figura abaixo, ele funcionava ao lado da feira livre Municipal).



Figura: 10 - Mercado Público Municipal (Fotografia do Acervo fotográfico da Câmara Municipal de Camaçari, Fotógrafo: desconhecido).

Em alguns depoimentos as memórias orais sintonizam as imagens fotográficas e as palavras do Prefeito, da importância da mudança na feira livre. O senhor Antonio Pereira Filho lembra que:

*[...]. daí para cá tivemos uma mudança de feira isso já ao longo do tempo passei muito ai convivendo entre ratos, baratas, lama e graças a Deus isso tudo foi compensado porque Deus iluminou o homem e esse homem iluminou minha mente e deu prosseguimento ao meu trabalho[...]*⁶⁵.

⁶⁵ Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento citado.

De algum modo, toda essa dinâmica deu-se por conta das instalações estarem absolutamente inadequadas, não atendiam ao mínimo de conforto, higiene e segurança ao longo dos vinte cinco anos de sua existência. No Centro Comercial ocorreram sucessivas ampliações, sem compor um desenho racional e de fácil controle e manutenção.

No decorrer dos anos, as administrações que sucederam não acompanharam a dinâmica do espaço, tornando-se insustentável e com baixíssimo padrão de atendimento e qualidade local.

A extinção desse caos e a reestruturação e revitalização do Centro Comercial, está ligado “umbilicalmente” à construção da Nova Feira para a cidade. Um projeto que faz parte da plataforma de uma campanha política eleita, levando o comércio varejista a transformar-se, aparelhando-se para suprir as necessidades de consumo da população. Um enorme esforço foi feito no sentido de proporcionar aos consumidores estruturas adequadas aos produtos expostos à venda e ao conforto pessoal de quem os procuram. O que vem sendo feito na Nova Feira.

Mas, infelizmente por não levar em consideração a cultura dos trabalhadores, gerou uma situação de conflito para os feirantes.

A administração tinha razão em preocupar-se com as condições de salubridade da feira, entendemos que não tem problemas em intervir, seguindo as normas da Secretaria Sanitária. O que questionamos nesse estudo é a forma unilateral que aconteceu as mudanças, gerando um efeito contrário.

Estas obrigações e proibições estipuladas dentro da feira não perduraram por muito tempo, visto que as dificuldades do próprio poder público em administrar o espaço da feira, e as necessidades de mudanças nos boxes, proporcionaram um movimento progressivo nas instalações. As precárias instalações hidráulicas e elétricas levaram aos próprios feirantes a construir verdadeiras teias de eletricidades para que atendesse as suas necessidades funcionais. Uma nova lógica foi sendo recriada à medida que a necessidade administrativa interna dos boxes necessitava. O que percebemos nas fotos abaixo:

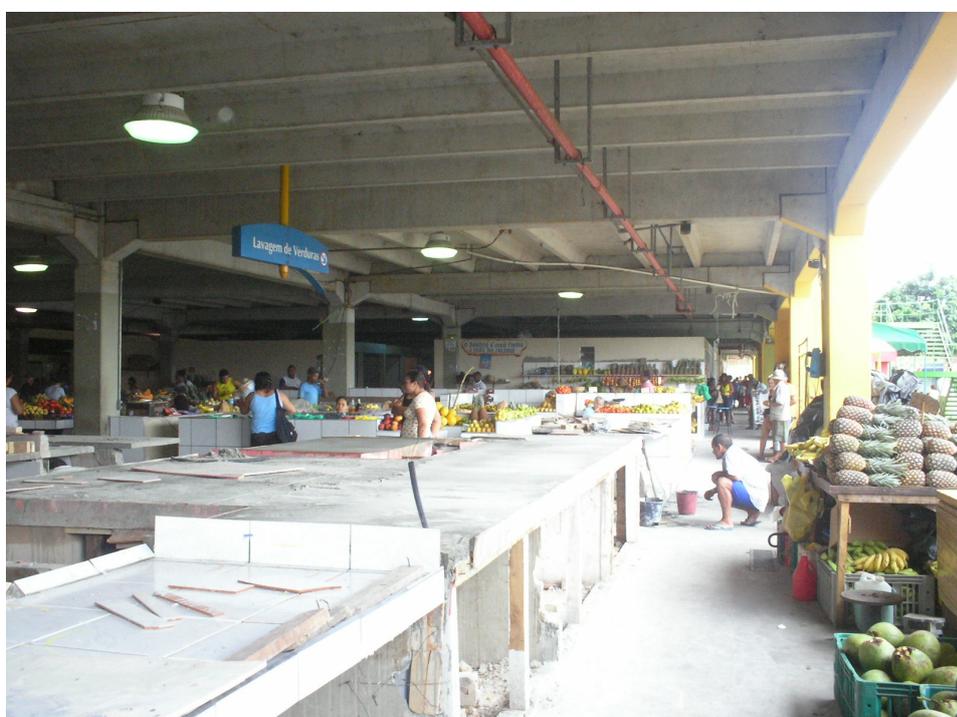


Foto 11: Reforma nas bancadas da Nova Feira (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 15.08.2006).



Foto 12: Reforma nas bancadas da Nova Feira (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo: Júlia Rosa Castro de Britto. 14.05.2007).

No antigo espaço da feira livre foi construído um prédio de dois andares. No andar superior encontramos: a Administração, Sanitários, e 25 galpões distribuídos em nove áreas. Esses galpões estão separados por galerias, que servem de local de circulação para os visitantes dos boxes. Dentre essas áreas, destacamos subdivisões para: confecções, artigos de couro, bancas de bijuterias, bancada mista destinada a artigos e eletroeletrônicos.

No térreo encontramos na parte interna quatro áreas distintas: a banca de frutas e verduras, cereais e temperos, bares e açougues, e a Cesta do Povo, que com a mudança de governo passou a ser privilegiada ao localizar-se na entrada do Centro Comercial, em frente aos cereais.

Na parte externa temos o estacionamento para carros e também o estacionamento para caminhões, além do bicicletário, da área para carga e descarga de alimentos e o anexo

(região da feira destinada à comercialização de peças para moto e bicicletas), como vemos na figura abaixo. Espaço esse, que ainda encontra-se com grandes problemas estruturais, que nos remete lembranças do espaço da feira antiga.



Foto: 13 - Anexo da Feira (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo Júlia Rosa Castro de Britto 15/08/2006).

Nesse processo, o próprio feirante consegue identificar as mudanças que vão além da estrutura física e identificar a mudança cotidiana. Sobre esse aspecto em particular, o depoente Charles Publicidade nos apresenta um esclarecedor depoimento:

[...] Muito bem que a feira mudou a estrutura física da feira mudou o comportamento do povo e mudou e evidente o meu comportamento e comportamento de toda minha equipe de trabalho hoje eu tenho uma equipe de trabalho é uma equipe que está claro e evidente em evidência uma equipe de trabalho que sabe fazer o que faz, e responsável então hoje nos temos vários comerciais vários comerciantes que nos procuram

*e só mudou só cresceu entendeu muito embora na outra feira antiga e na feira provisória também nós éramos procurados, mas não tanto quanto hoje*⁶⁶.

Nas lembranças do depoente Antonio Carlos é visível percebemos as mudanças de comportamentos dos feirantes. Também faz parte dessas mudanças, a percepção do quanto esses trabalhadores vêm mudando ao longo do tempo sua existência de trabalho, sua dinâmica de vida dentro e fora do espaço da feira.

Já aos olhos do senhor Percílio Alves, “*Camaçari foi crescendo cada vez que eu saía que voltava a Camaçari eu passava trinta dias lá quando voltava já tava outra coisa diferente*”⁶⁷. Para ele tratava-se do mesmo local, porém com a paisagem e o cenário diferenciado. Eram mudanças que obrigatoriamente vinham ocorrendo e o forçava a pensar que aquela cidade não era a Camaçari que ele conhecia.

É por isso que neste estudo estamos sempre pensando que o homem não está isolado da realidade. Ele está presente, direto ou indiretamente, mesmo que apenas acompanhe passivamente às mudanças. Assim, parte-se do princípio, que não só o senhor Percílio Alves, mas também todos os outros trabalhadores estão inseridos em uma realidade independentemente do contexto ao qual estejam incluídos.

Para além das lutas organizadas, a grande resistência revela-se nos comportamentos dessas pessoas quanto se firma a viver e sobreviver na cidade.

⁶⁶ Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento citado.

⁶⁷ Percílio Alves. Depoimento citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias dos feirantes diante dos problemas enfrentados nas mudanças da feira entre velha e nova, tratam de tentativas de criar uma alternativa diante das imposições da administração do município e acabam delineando uma nova dinâmica dentro da Nova Feira. Assim, o atual estágio de pesquisa, mesmo avançado, apresenta neste trabalho, não pode ser dado como concluído e que estudos feitos nessa dissertação não expressam toda a realidade vivida no espaço da feira.

Na verdade esse estudo nos remete a uma pequena parcela de depoimentos, que expressam a dinâmica do cotidiano de moradores do município de Camaçari. Esses sujeitos sociais, dentre eles muitos feirantes, são a mola propulsora que impulsiona e norteiam os trilhos da pesquisa deste trabalho, proporcionado a uma observação crítica direcionada pelo tom do discurso do depoente.

Esse estudo dimensiona questões do setor *informal*, tão diversificado que necessita diferenciá-lo em sua denominação. Ao estudar as desvantagens do trabalho dos feirantes, tornou-se perceptível à desvalorização humana desse segmento, diante das decisões administrativas do comércio local.

Os depoimentos desta pesquisa apresentam vivências de trabalhadores, desde a sua infância até as angústias experimentadas no deslocamento da feira. Para eles, vivenciar a mudança daquele local está ligado diretamente na interferência de suas vidas. Além de todo o contexto social, comercial, político e econômico relacionado à criação da nova feira,

podem-se relacionar também ao contexto sentimental e psicológico que passaram os feirantes, frente às mudanças.

Na labuta do dia-a-dia, esses trabalhadores vão criando estratégias para tentar manter-se no mercado de trabalho, buscando cotidianamente alternativas para que de alguma forma ou de outra, possam interferir ativamente no processo. Isso não significa que todas as tentativas sejam bem sucedidas.

A frustração aparece como forma de ampliar a desmotivação desses feirantes, causando, em alguns casos, o abandono da sua profissão. Sem esperanças, aqueles que abrem mão da feira começam a enfrentar novas dificuldades, até então não apresentados no mercado informal, por se tratar de estarem em um ambiente desconhecido.

Na interpretação das fontes, pode-se perceber que a criação da Nova Feira de Camaçari é a oportunidade de suprir aos anseios da administração do município, na tentativa de higienizar e modernizar o espaço físico.

Visando a padronização, sem perceber o poder público, acabou deixando de lado a dinâmica do cotidiano desses trabalhadores no espaço da feira livre. Entretanto, a difícil situação em que vive o trabalhador informal precisa ser enfrentada com seriedade por parte da administração.

Fazendo uma análise social do cotidiano do Centro Comercial e da feira livre, em seus aspectos, sobretudo culturais, nos remete primeiramente a conhecer e participar da

vida de homens e mulheres que vivenciam pobreza e dominação, sob o prisma da informalidade, levando muitos a exclusão.

Escolhemos como tema de pesquisa a feira como parte integrante do cotidiano do feirante ultrapassando o espaço físico desse Centro Comercial e penetrando nas rotinas diárias do trabalhador, uma vez que nelas estará expresso todo o universo da feira.

Nesse contexto o município de Camaçari, vivencia os novos rumos do projeto de modernidade vindos com a implantação das indústrias e que permeia todos os problemas experimentados pelos trabalhadores da economia informal. Assim, a feira livre e a cidade apresentam-se como um território de luta na dinâmica dos trabalhadores.

Contudo, a pluralidade de relações apresentada em um espaço heterogêneo como a feira, deixa clara a necessidade de aprofundar os estudos sobre as transformações ocorridas na Nova Feira e no Centro Comercial de Camaçari. Identificados e debatidos nesta pesquisa e que deverá ampliar as preocupações em torno de tanto outros trabalhadores que atuam nessa profissão, distribuídos nas cidades brasileiras.

FONTES

Orais

1. Antonio Carlos Pereira Filho, 53 anos de idade, radialista na feira, muito conhecido como Charles Publicidade, residente em Camaçari, Entrevista em 16 de abril de 2002, 25min.
2. Juliana Onória dos Santos, 66 anos de idade, feirante vendedora de tempero verde, residente no bairro Dois de Julho em Camaçari. Entrevista 11 de abril de 2002, 120min. (*in memoriam*).
3. Maria Araújo Cruz, 73 anos de idade, feirante, vendedora de verduras, residente em Monte Gordo. Entrevista em 19 de maio de 2002, 100 min.
4. Noêmia Monteiro, 32 anos de idade, secretária / gerente da feira, residente em Salvador. Entrevista em 11 de junho de 2002, 25 min.
5. Maria Alice Romualdo dos Santos, 48 anos de idade, feirante desde os 8 anos, vendedora de lanches e verduras juntamente com seu marido, nasceu em Terra Nova e é residente do Município de Camaçari. Entrevista em 03 de julho de 2002, 105 min.
6. Maria Almeida Silva, 54 anos de idade, conhecida como Maria do Rosário. Entrevista em 05 de novembro de 2004. 10 min. Realizada pela acadêmica em História Leila Souza Vieira Fonseca.
7. Jamil Kadra Zacharia, 58 anos de idade, nasceu e reside em Camaçari. Entrevista em 06 de novembro de 2004. 10 min. Realizada pela acadêmica em História Leila Souza Vieira da Fonseca.

8. Martina Paulina de Jesus Alves, 55 anos de idade, nascida no município de Santa Bárbara, filha de feirante e ex-feirante, foi batizada e é residente no Município de Camaçari. Entrevista em 05 de junho de 2005, 240 min.
9. Percílio Alves, 58 anos de idade, trabalhou com o ramo de terraplanagem, casado com uma ex-feirante, reside em Camaçari. Entrevista em 05 de junho de 2005, 120 min.
10. Humberto Leite, idade desconhecida, Administrador da feira no período de janeiro a abril de 2007, residente em Salvador. Entrevista em 24 de novembro de 2005, 120 min.
11. Sandra Maria Ribeiro Parente Soares, 57 anos de idade, nasceu em Camaçari, Formada em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, Professora no Município de Camaçari a mais de 30 anos e recentemente escreveu dois livros sobre a sua cidade de origem, residente em Salvador. Entrevista em 15 de agosto de 2006, 120 min.
12. Carlinda Santos da Anunciação, 66 anos de idade, nasceu em 13/06/1941 em Riachão do Jacuípe, formada em Magistério, feirante desde criança na cidade que nasceu e possui uma jornada com mais de 40 anos na feira do município de Camaçari, casada com Senhor Fidelis, residem em Feira de Santana. Entrevista em 13 de junho de /2007, 60 min.

Escritas

A - Jornais: Décadas de 1970- 2007.

A Cidade

A Tarde

A Tribuna da Bahia

Camaçari Agora

Correio da Bahia

É Notícia Camaçari

Folha do Subúrbio

Jornal da Bahia

Documentos produzidos pelos Órgãos Públicos do Estado da Bahia e Município de Camaçari.

Acervo do IBGE (Salvador):

- Recenseamentos Gerais: 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000.
- Censos Demográfico: 1959,1970,1980 e 2000.
- Anuário Estatístico da Bahia 2002. Salvador, v. 16 p. 1-644 Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
- Pastas do Município de Camaçari volume 01, 02 e 03. (informações gerais dos Municípios).
- ***Coleção de fotografias de Camaçari arquivadas na pasta de município.***

Acervo do IBGE (Camaçari):

- Pasta de Informações Municipais.
- Perfil Financeiro dos Municípios Baianos, 1993-2000, Salvador, TCM, 2004 .

Acervo Arquivo Público da Bahia

- Provisões e Ordens Régias (coleção)
- Leis e Resoluções provinciais. (coleção)
- Atos, Decretos e Leis estaduais

Acervo da Câmara Municipal de Camaçari:

- Processos de 2001 a 2002.
- Atas das sessões legislativas de 1999 a 2002.

Acervo do Centro de Documentação da Prefeitura Municipal de Camaçari:

Acervo do Gabinete do vereador Luiz Caetano (atual prefeito) - Arquivo Pessoal:

- Pastas de Denúncia.
- Pasta de Requerimento.

Acervo da Secretaria da Cultura do Município de Camaçari

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

Acervo do Gabinete Português de Leitura

Iconográficas:

Acervo fotográfico de particulares.

Acervo fotográficos de dos jornais A Tarde e tribuna da Bahia.

Acervo fotográfico da Secretaria de Planejamento do Município de Camaçari.

Acervo Fotográfico do IBGE (Salvador).

Acervo do Centro de Documentação da Prefeitura de Camaçari.

Fotografias de pesquisa de campo.

BIBLIOGRAFIA

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS NBR 6023: Informação e documentação Referências. Elaboração. Rio de Janeiro. 2002.

AILLAUD, J P - Dicionário Geographico Histórico e Descriptivo, Império do Brasil I, Paris em casa de J.P. AILLAUD, Editor 11 - Quai voltaire, 1845 por J.C.R. Milliet de Saint - Adolphe D' Caetano Lopes de Moura - Tomo Primeiro.

ALBERTI, Verena *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*. 14ª ed. Livraria Martins Editora São Paulo, 1966.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Pecuária e a Produção de Alimentos no Período Colonial*. Fundação Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, 1979.

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia - SEPLANTEX - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador - CONDER - Plano Diretor de Limpeza Urbana - PDLU - Município de Camaçari - vol. 2 Tomo I, Salvador, nov/1994.

BAHIA. Secretaria de Indústria e Comércio. *O gigante invisível*. Estudos sobre o Mercado Informal de Trabalho na Região Metropolitana de Salvador, 1983.

BAHIA. Secretaria de Indústria e Comércio. Um Complexo Industrial Integrado - COPEC - Fazenda Olhos D'Água - Camaçari, 1980.

BAHIA. Secretaira da Industria, Comércio e Turismo. Centro Industrial do Subaé. *Informações básicas sobre o Centro Industrial do Subaé* - CIS. Feira de Santana/ Salvador: SIC/CIC, 1986.

BAHIA. Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social. Superintendência Baiana para o Trabalho. *Caracterização dos Feirantes das Feiras - Livres volantes de Salvador*. Salvador, 1979.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de Brasília. Brasília, 1993.

BARRETO, Virgínia Queiroz. *Viver do Barro: trabalho e cotidiano de oleiros Maragogipinho-Ba: 1970-1998* Dissertação de Mestrado em História. São Paulo - PUC, 1999. (não publicada).

BENAJMIN, Walter *Magia e técnica, arte e política* 5º ed. São Paulo Editora Brasiliense - Ensaios sobre Literatura e História da Cultura *O Narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskoviense* (Obras escolhidas, v. I) 1995. pp. 197-221.

BOSI, Ecléa *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3º ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BRAUDEL, Fernand - *Civilização Material e Capitalismo: Século XV-XVIII*. Editora Cosmo, Rio de Janeiro, 1970.

BRESCIANI, Maria Stella (ORG.) *Palavras da Cidade Porto Alegre* In. MACHADO, Maria Salete Kern. *O Imaginário Urbano*. Ed da Universidade do Rio Grande do Sul 2001. p. 213-225.

BURKE, Peter, *A arte da conversação*. São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BRITTO, Júlia Rosa Castro de. *Fazendo a Feira: a transformação do cotidiano daqueles que fizeram o Centro Comercial de Camaçari*. UCSal, Salvador, 2003. (monografia não publicada).

_____, *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras. 1983.

_____,(org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____, El “*Descobrimento de la cultura popular*”. In: *História Popular y Teoria Socialista*. SAMUEL, Raphael et alli, Barcelona: Crítica, 1984.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros*. 3º ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador, 1983.

CAMAÇARI, Secretaria de Finanças. *Código Tributário Municipal*. ARTSET GRÁFICA E EDITORA. 1992.

CAMAÇARI *minha cidade; nossa história*. Camaçari; Prefeitura Municipal de Camaçari / Secretaria de Ação Social, Emprego e Renda / Secretaria de Esporte Lazer e Cultura, 1999.

p
CAMAÇARI; *Guia de compras e serviços*. Camaçari: s. ed, 1999.

CAMAÇARI; *novo tempo, nova história*. Camaçari: Prefeitura Municipal de Camaçari, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Lei Orgânica Municipal*, promulgada pela Câmara Municipal de Camaçari em 17 de Maio de 1990. Camaçari: s.ed. 1990.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Lei Orgânica Municipal*; Revisada Promulgada em 11 de Dezembro de 1997. Camaçari: s.ed, 1997.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno da Câmara* Revisado; Resolução no 05/98 de Julho de 1998. Camaçari: Câmara Municipal de Camaçari, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno*; aprovado pela resolução legislativa N° 012/90 de 12 de Dezembro de 1990. Revisado pelas resoluções N° 008/91 de 02 Agosto de 1991 e 004/92 de 20 de Maio de 1992. Camaçari: s.ed. 1992.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno*; Resolução N° 004/86 de 7 Maio de 1986. Camaçari: s.ed, 1986.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. Lei Orgânica Municipal, promulgada pela Câmara Municipal de Camaçari em 17 de Maio de 1990. Camaçari: s.ed, 1990.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. Lei Orgânica Municipal; Revisada Promulgada em 11 de Dezembro de 1997. Camaçari: s.ed, 1997.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno da Câmara* Revisado; Resolução no 05/98 de Julho de 1998. Camaçari: Câmara Municipal de Camaçari, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno*; aprovado pela resolução legislativa N° 012/90 de 12 de Dezembro de 1990. Revisado pelas resoluções N° 008/91 de 02 de Agosto de 1991 e 004/92 de 20 de Maio de 1992. Camaçari: s.ed, 1992.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. *Regimento Interno*; Resolução N° 004/86 de 7 Maio de 1986. Camaçari: s.ed, 1986

Censo Cultural 2002 - Município de Camaçari. Camaçari: 2001.

CETREL. Elementos para a compreensão das questões ambientais.

Cadastro técnico metropolitano; Camaçari catálogo de logradouros da sede. Salvador: Seplante / Conder / Prefeitura Municipal de Camaçari, 1996.

CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Ed Brasiliense, São Paulo, 1982.

_____, *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3° ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARDOSO, Ciro F. *Uma Introdução à História* ed. Brasiliense São Paulo, 1989.

CARIBÉ, *Feira de Água de Meninos*. Série Coleção Recôncavo n° 04 Livraria Turista Cidade de Salvador - Bahia, 1951.

_____, *Rampa do Mercado*. Série Coleção Recôncavo n° 08 Livraria Turista Cidade do Salvador Bahia, 1951.

CARVALHO, José Murilo de. “*A Construção da Ordem: a elite política imperial*”. (Coleção temas brasileiros; v. 4) Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

CERTEAU, Micheal de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____, *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus Editora, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: Bertrand, DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência Aspecto da Cultura Popular no Brasil*. Editora Brasiliense 5ºed. São Paulo, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DOSSE, François. *A História em Migalhas. Dos anales À Nova História*. Ensaios, 2º reimpressão, Campinas, São Paulo: Unicamp, 1994.

DUBY, George. *A História continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Edusp, 1968.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume XX Bahia A-L - Planejada e orientada por Jornadir Pires Ferreira presidente do IBGE - Rio de Janeiro, 1958.

Enciclopédia Microsoft Encarta. “Camaçari maior projeto de industrialização do Nordeste”. 1993-1999.

ENGLES, Friedrich. *As cidades*. In: ENGELS, Friedrich. *A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

FENELON, Déa Ribeiro. “O historiador e a cultura popular: História de classe ou história do povo? In: História & Perspectiva. Revista do Curso de História da Universidade de Uberlândia, nº 6, jan/jun. de 1992 p. 5-24.

_____, “Trabalho, cultura e história social: Perspectivas de investigação”. In: *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 4, 1985, p. 21-37.

FERREIRA, Alberto Heráclito Filho. *Salvador das Mulheres: condição femininas e cotidiano popular na Belle Époque Imperfeita*. Salvador, 1994. (Dissertação não publicada).

FERREIRA, Eugênio *Feiras e presídios: ensaio de interpretação materialista da colonização de Angola Luanda Angolana* 1958.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilha da memória (conto e poesia popular)*. Salvador Fundação casa de Jorge Amado Literatura Brasileira: Ensaio. I Título II Editora. 1991.

FREIRE, Felisberto. *Historia Territorial do Brazil*. Rio de Janeiro. 1906.

FREITAS, Jolivaldo. *Ford: Uma conquista do povo de Camaçari* Editora Terra 1º ed. Outubro, 2001.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: Influência da Industrialização 1970-1996*. Salvador, 1998. (Dissertação não publicada).

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

_____, *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

_____, *Mitos, Emblemas, sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GONDIM, Hélio. *Diagnósticos e metas do 12º BPM Camaçari*. Camaçari: 12º BPM - UPO, 2001.

GUIA localizador; Indústria - comércio - serviços -1998 Camaçari- Candeias - Dias D'ávila - Simões Filho. Lauro de Freitas: MAP Comunicação, 1998.

GUIMARÃES, Olmária. *O papel das feiras-livres no abastecimento na cidade de São Paulo*. São Paulo: USP 1968 (Dissertação de mestrado não publicada).

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

_____, *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

HILL, Chistopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

HOBBSAWN, Eric J. *Sobre História. Da História da Sociedade* - Companhia das Letras. 3º reimpressão São Paulo, 1998.

_____, *A Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____, *Os Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, *Os Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____, (org.). *A Invenção das tradições*. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IBGE. *Censos Demográficos - Bahia*, 1950,1960,1970,1980,1991.

IBGE. *Contagem da população - Bahia*, 1996.

KOSSOY, Boris. *A fotografia como fonte histórica*. São Paulo: Ática, 1989.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflitos, Mudanças e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1969)*. Dissertação de Mestrado em Geografia Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

JOUTARD, Phillippe *Desafios à História Oral do Século XIX - Casa de Oswaldo Cruz* Editora FIOCRUZ, CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 200. p. 31-45.

LÊ GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.) *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____, *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____, *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____, *A História Nova* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____, *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 5º ed. Campinas, 1996.

_____, *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo. Martins Fontes, 1992.

LUFT, Minidicionário .16º ed. Editora Ática. 1999.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Carlos. ACM: Ninguém cala esta voz. Brasília: S. ed. 2002.

Manual do Feirante de Camaçari. Cartilha produzida pela Prefeitura Municipal de Camaçari, 2001.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia: *A Cidade do Salvador e seu Mercado no século XIX*. Rio de Janeiro, 1977.

_____, *A Bahia no século XIX – uma província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

MELLO, Maria Alba; MOURA, Jorge; LOBO, Ana. “Feira-Livre:um mercado persa afro-brasileiro” IN. Veracidade: Revista do Centro de Planejamento Municipal, nº 4, p. 25-28, dez, 1992.

MIGNOLO, Walter D. *História locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamentos liminar*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

MONSANTO. Manual de Técnicas de Produtos. Camaçari: s. ed, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória - a Cultura Popular Revisitada*. São Paulo: Conexto, 2001.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A feira do Brejo Grande Estudos de uma Instituição Econômica num município sergipano do baixo São Francisco*. São Paulo: UNICAMP 1975. (Tese de doutorado, não publicada).

_____, *Notas e comentários sobre feiras e mercados*. Lisboa. 1965.

NASCIMENTO, Vilma Maria do. *Trabalho Árduo e Liberdade: O cotidiano dos vendedores ambulantes em Salvador (1968-1990)*. Mestrado Interinstitucional em História Social PUC/SP, 1999. (Dissertação não publicada).

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 10, 1993, p.7 -28.

OLIVEIRA, George Gurgel de. *Indústria Petroquímica e Gestão de Meio Ambiente*. In. O & S - Organização e Sociedade - Publicação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - EAUFBA. Salvador. V. 6 nº 15. maio/agosto, 1999.

OLIVEIRA, Izabel Lorene Borges de *Apolo e Dionízio na Festa da Feira: cantadores, cordelistas vaqueiro.da Feira Livre de Santana (Bahia)- Feira de Santana, 2000.*

OLIVEIRA, Lúcia L. (org) *Cidade: História e Desafios Parte II cidade e patrimônio* - Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.

O que é preciso saber sobre Mercados & Feiras Livres Coleção Alternativas Urbanísticas - SAREM/Seplan-PR.

PAIM, Márcia Regina da Silva. *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homem feirantes em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. Salvador, 2005. (Dissertação não publicada).

PARENTE, Sandra. *Camaçari sua História sua Gente*. 2001.

_____, *Histórias que não contei* - Fast Design. Salvador, 2007.

PECHMAN, Robert Moses (Org) - *Olhares sobre a Cidade - O Povo na Rua um “Conto de duas Cidades”* - Margarida de Souza Neves - História, PUC/RJ. Editora UFRJ, 1994.p.135-155.

PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Itapuã. Salvador, 1968.

PORTELLI, Alessandro. “*Tentando aprender um pouquinho Algumas reflexões sobre Ética e História Oral*” In: P. ERMUTTER, Daisy e ANTONACCI, Maria Antonieta (org Projeto História 15. Ética e história Oral. Revista do programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do departamento de História. PUC-SP, 1997.

_____, “*O que faz a História Oral Diferente*”. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, nº 14, 1997. p. 25-39.*

_____, In. *Revista Projeto História. São Paulo nº 10 dez. 1993.*

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente Coordenação de Desenvolvimento Municipal Gerência de Turismo, Indústria e Comércio - GETIC - Modelo de Gestão Administrativa para a Feira Provisória Camaçari, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. Código Tributário Municipal. Camaçari: Secretaria de Finanças, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. História de Camaçari; apostila. Camaçari: Coordenação de Cultura, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. Leis e decretos; 1973, 1974 e 1975. Camaçari: s. d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO Estatuto do Magistério. s.d.

RAU, Virgínia *Estudos de História Medieval* Editorial Presença Lda. 1º ed. Lisboa, 1986.

_____, *Feiras Medievais Portuguesas - Subsídios para o seu estudo.*

REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da micronálise*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998.

REVISTA *Contra Ponto: Cultura e Memória*. Universidade Católica do Salvador, Salvador: Novembro de 1998.

REVISTA *Lócus*. Nº 03. Ciência, Tecnologia e Cultura. Globalização: Nova Velha Ordem Mundial. Salvador: CETEBA/UNEB, s/d.

REVISTA projeto história nº 10: História e Cultura. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, Dezembro de 1993.

REVISTA projeto história nº 15: Ética e História Oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, Abril 1997.

REVISTA projeto história nº 17: Trabalhos da Memória. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, Novembro de 1998.

REVISTA projeto história nº 18: Espaço e Cultura. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, Maio de 1999.

REVISTA CNI - (Confederação Nacional de Indústria) - *Ações contra o desemprego - o que pode ser feito enquanto o país não volta a crescer*. Ano, 32 nº 314 ago, 1999.

Relatório sobre as instalações existentes Reforma do Centro Comercial e Módulos 1,2,3 e 4 Camaçari. 1999.

RIBEIRO, Margarida. *Notas e comentários sobre feiras e mercados* Lisboa: Junta Distrital de Lisboa 1964.

_____, *Contribuição para os estudos das feiras e mercados*. Lisboa. 1965.

SAMUEL, Raphael. “*História Local e História Oral*” In: SILVA, Marco Antonio (org.) *História em Quadro Negro: Escola, ensino e aprendizagem*. Revista brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol 9, set/89 fev.1990.

SANTANA, Charles D’Almeida. *Fatura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. Universidade Estadual de Feira de Santana - Anablume - 1º ed São Paulo, 1998.

_____, *Dimensão histórico-cultural: Recôncavo Sul; Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável*. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional CAR. volume 26 Salvador, 1999.

SANTOS, Marluse Arapiraca dos *Feira de Água de Meninos Resistência do comércio tradicional* Salvador, 1997. (monografia, não publicada).

SANTOS, Miguel Cerqueira dos *O dinamismo urbano e suas implicações regionais o exemplo de Santo Antonio de Jesus/BA* Salvador: Editora Uneb, 2002.

SANTOS, Daniel Francisco dos. *Experiências de trabalhadores da seca*. PUC-SP, São Paulo: Dissertação de Mestrado, mimeo. 1994.

SEI, Informações 2000 - *A Serviço da Sociedade*. Salvador, 2004.

SHARPE, Jim. "A História Vista de Baixo". In: BURKE, PETER (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA, António de Moraes *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* 10º ed. Edições Conferência Editorial Confluência LDA Lisboa, 1945.

SILVA, Andréa Pereira Pontes da *Ser feirante em São Joaquim Relatório com argumentação oral e fotográfica da realidade dos sujeitos sociais materializadores deste complexo espaço urbano 1992/1994*. - Salvador, 1999. (monografia, não publicada).

SOARES, Cecília Moreira, *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*, Salvador, 1994. (Dissertação não publicada).

SOUZA, Maria Cláudia Barbosa de. *Progresso (?): Industrialização e Urbanismo. A construção do CIA em 1967*. Salvador, 1998. (monografia, não publicada).

TEIXEIRA, Profº Cid. *Camaçari, uma bela história*. Camaçari: Câmara Municipal de Camaçari, 2003.

THOMPSON, Edward. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser* Rio de Janeiro, 1981.

_____, *Costumes em Comum - Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. Companhia das Letras. 1995.

_____, *A formação da classe operária inglesa* (3 vols.) 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, *O tempo, a disciplina do Trabalho e o Capitalismo Industrial*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). *Trabalho, Educação e Prática Social*. Porto Alegre: Arte Médicas, 1991.

THOMPSON, Alistair. "Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias" In Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/SP nº 15. 1997. p. 51-71.

_____, *Quando a Memória é um campo de Batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional*. In Projeto História: Revista do Programa de Estudo pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo nº 16, 1998, p. 277-296.

_____, *Memória de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, nº 4, junho de 2001.p. 85-101.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLADARES, José *Bê a ba da Bahia Guia Turístico*. Livraria Turista Editora Bahia . Bahia, 1951.

VILHENA, Luis dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. p. 93 e 127.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KNHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. Editora Ática. 3º ed. São Paulo 1989.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. Tradução Paulo Henrique Britto. 1º reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1921.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

<http://www.mapquest.com/maps/map/map.adp?address=&city=Camacari&state=Bahia&zipcode=&country=br7location=rltLku5HMM9fz3z5hjt5xh5xhnk%2buv1.gf27%2feb22/08/2006>.

<http://www.coficpolo.com.br/polo.htm> 22/08/2006.

<http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/divpol/nordeste/ba/apresent/index.htm>

29/08/2006.

www.sei.gov.br 07/08/2006.

www.ibge.br. 08/08/2006.

www.estacoesferroviarias.com.br/ba-paulistana/camaçari.htm. 31/10/2005.

ANEXOS

Índice dos Anexos

1. Charles Publicidade (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).p.139.
2. Senhor Américo das verduras e Júlia Rosa Castro de Britto (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo Gustavo Pereira 18/11/2005). p.139.
3. Dona Tereza das Verduras (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005). p.140.
4. Senhora Gilda dos Laticínios (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005). p.140.
5. Senhor Adelsimo (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005). p.141.
6. Senhor João Neto (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005). p.141.
7. Senhor Luiz da Tapioca (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005). p.142.
8. Senhora Carlinda Santos da Anunciação (Fotografia da Pesquisa de Campo. 13/06/2007). p.142.
9. Figura: Fotografia da Professora Sandra retirada do livro Camaçari: sua história, sua gente, 2001 p. 143.
10. Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria. p. 143.
11. Local considerado espaço da feirinha onde os feirantes dos distritos (areias, cordoaria,parafuso, monte gordo e outros) se organizam aos sábados (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/05/2007). p. 144.

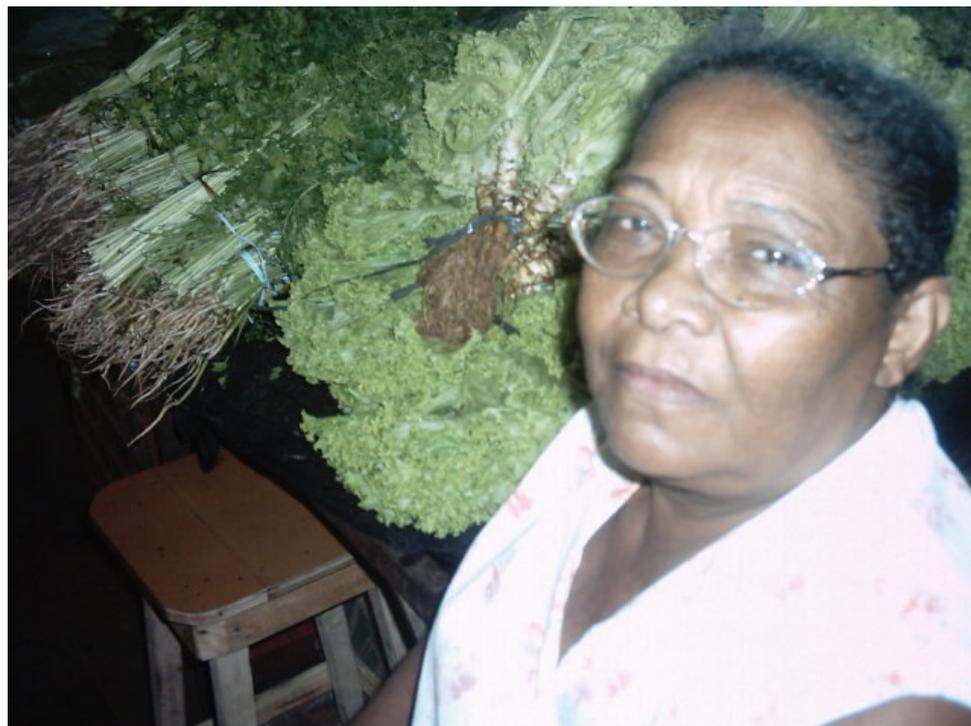
12. Nova organização dentro do espaço da Feira Nova de Camaçari e a presença do trabalho infantil (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/05/2007). p. 144.
13. Praça Desembargador Montenegro. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 10/07/2006). p. 145.
14. Igreja Matriz localizada na Praça Desembargador Montenegro. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 10/07/2006). p. 145.
15. Estação Ferroviária. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 13/10/2006). p. 146.
16. Praça de Alimentação da Feira Nova de Camaçari. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/04/2005). p. 146.
17. Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005). p. 147.
18. Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005). p. 147.
19. Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005). p. 148.
20. Figura da Planta do Centro Comercial p.149.
21. Legenda da Planta do Centro Comercial. p.150.
22. Figura: Mapa Parcial do B. da Bahia 1947 (pasta dos Municípios / Camaçari – IBGE). p.151.



Charles Publicidade (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhor Américo das verduras e Júlia Rosa Castro de Britto (Fotografia da Pesquisa de Campo. Fotógrafo Gustavo Pereira 18/11/2005).



Dona Tereza das Verduras (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhora Gilda dos Laticínios (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhor Adelsimo (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhor João Neto (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhor Luiz da Tapioca (Fotografia da Pesquisa de Campo. 18/11/2005).



Senhora Carlinda Santos da Anunciação (Fotografia da Pesquisa de Campo. 13/06/2007).



Figura: Fotografia da Professora Sandra retirada do livro Camaçari: sua história, sua gente, 2001 p. 287.



Figura: Fotografia do Projeto de Justificativa para Implantação do Novo Centro Comercial e Nova Feira de Camaçari. Sem data e sem autoria



Local considerado espaço da feirinha onde os feirantes dos distritos (areias, cordoaria, parafuso, monte gordo e outros) se organizam aos sábados (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/05/2007).



Nova organização dentro do espaço da Feira Nova de Camaçari e a presença do trabalho infantil. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/05/2007).



Praça Desembargador Montenegro. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 10/07/2006).



Igreja Matriz localizada na Praça Desembargador Montenegro. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 10/07/2006).



Estação Ferroviária. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 13/10/2006).



Praça de Alimentação da Feira Nova de Camaçari. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 14/04/2005).



Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005).



Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005).



Ala dos artigos de Artesanatos e Folhas. (Fotografia da Pesquisa de Campo. 19/08/2005).

LEGENDA DA PLANTA CENTRAL DE CAMAÇARI-BA.

1. AGÊNCIA DO IBGE (NÃO ENCONTRA-SE MAIS NO LOCAL)
2. DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO
3. CAIXA ECONÔMICA FEDERAL E RECEITA FEDERAL
4. INAMPS
5. CENTRO COMERCIAL
6. EMP. BAIANA DE ALIMENTOS (EBAL)
7. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
8. FÓRUM E CÂMARA MUNICIPAL
9. CARTÓRIO DE IMÓVEIS E HIPOTECAS
10. MOBRAL
11. COELBA – SETOR MATERIAL
12. CADEIA PÚBLICA
13. HOSPITAL E MATERNIDADE
14. COLÉGIO SÃO TOMÁZ CANTUÁRIO
15. DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL
16. ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
17. FUNDAÇÃO DE SAÚDE-SEC. DE EDUCAÇÃO E JORNAL
CAMAÇARI AGORA
18. INSPETORIA ESTADUAL
19. CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL
20. DECASA (DESENVOLVIMENTO DE CAMAÇARI)
21. BANCO DO ESTADO DA BAHIA
22. 6º BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR
23. PREFEITURA MUNICIPAL
24. EBCT (EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS)
25. DECOM (DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES)
26. CEDROS (CENTRO DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL)
27. JUNTA DE CONCILIAÇÃO E JULGAMENTO
28. DETRAN – DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO
29. COMP. DE ELETRICIDADE DA BAHIA
30. DINAG (DINAMIZAÇÃO AGRÍCOLA)
31. BANCO DO ESTADO DA BAHIA
32. HORTO FLORESTAL
33. COLÉGIO POLIVALENTE
34. BIBLIOTECA
35. MÓDULO DA POLÍCIA MILITAR
36. TABELIONATO

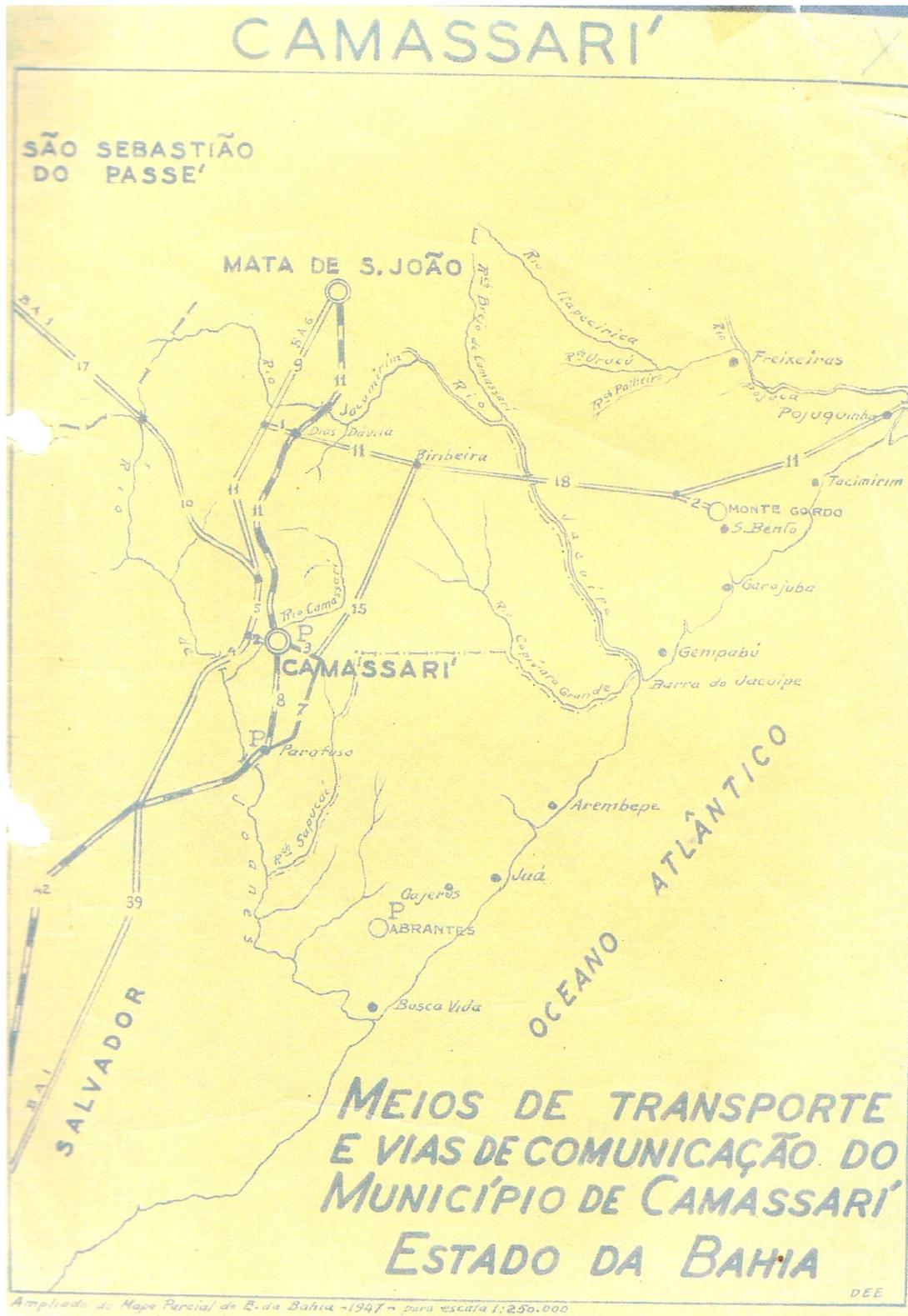


Figura: Mapa Parcial do B. da Bahia 1947 (pasta dos Municípios / Camaçari – IBGE).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)